

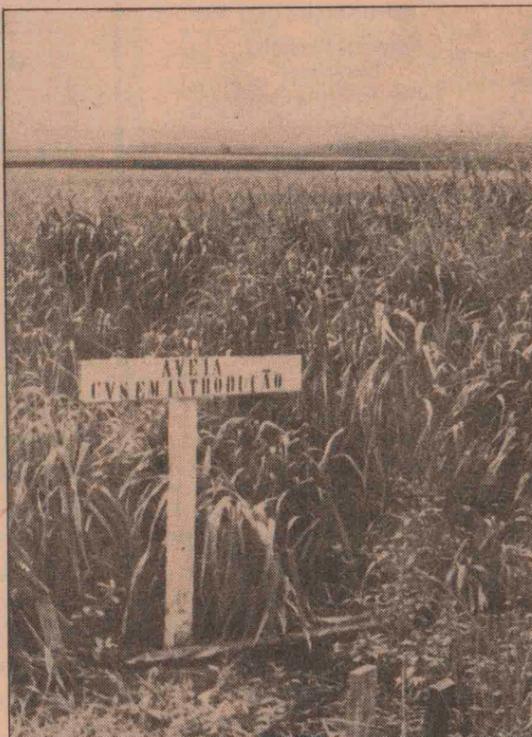
A ESTRANHA PROIBIÇÃO QUE ATINGE OS FORMICIDAS

Página 14



INOCULAR A SOJA É POUPAR EM ADUBO

Página 8



A BUSCA DE CULTURAS ADAPTADAS AO MATO GROSSO

Página 16

Agricultura:

A HORA DE PARAR PARA PENSAR

A agricultura e o cooperativismo enfrentam seu mais difícil momento desde a modernização da lavoura. É do meio desta crise que se levanta um grande debate, para que o setor primário corrija seus rumos e conquiste a força econômica e política que ainda não tem.

Página 11

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513
Caixa Postal 111 - Ijuí, RS
Fone: PABX - (055) 332-2400
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N.º 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva
Presidente:
Ruben Ilgenfritz da Silva
Vice-presidente:
Arnaldo Oscar Drews
Superintendente:
Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Oswaldo Olmiro Meotti, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Bruno Eisele, Renato Borges de Medeiros.

Conselheiros (Efetivos)

Waldemar Michael, Walter Luiz Driemeyer, Arnaldo Hermann, Telmo Roverno Roos, Joaquim Librelotto Stefanello, Reinhold Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Rodolfo Gonçalves Terra, Euclides Marino Gabbi, Constantino José Goi, Vicente Casarin, Ido Marx Weiller, Erni Schünemann.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Antonio Bandeira, Rui Adelino Raguzzani, João Telló.

Conselho Fiscal (Suplentes)

José Carlos Vione, Antoninho Boiarski Lopes, Mário Hendges.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	45.000 t
Maracajú - Sede	65.000 t
Maracajú - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	26.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradina	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Guaíba	42.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da



Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob número 9.

Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 número 022.775 de 13.11.73 e figurativa M/C11 número 022.776, de 13.11.73.

REDAÇÃO

Christina Brentano de Moraes
Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Moisés dos Santos Mendes

Composto no Jornal da Manhã, em Ijuí, e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

Setembro/82

Ao leitor

"Isso não é pessimismo", alertava o presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, quando uma Assembléia Extraordinária da cooperativa foi transformada num amplo painel de questionamento sobre a atual situação, não só da Cotrijuí como de todo sistema cooperativista. "Nós temos é que estar alertas para estas coisas", complementava o presidente. A assembléia aconteceu dia 24 de setembro, e foi convocada para proceder pequenas alterações nos estatutos sociais (veja na página 3). No final, este ponto específico foi o que menos tempo tomou. O quadro geral de dificuldades que ameaça a agricultura, e influencia diretamente a atuação das cooperativas, terminou por dominar o espaço das discussões. Se a situação é difícil, não é porém insolúvel, e as saídas estão sendo buscadas para alterar um pouco este quadro.

Foi também no sentido de procurar entender este certo impasse que enfrenta a agricultura, que os agrônomos de Ijuí promoveram um encontro que durou uma semana. O tema era Agricultura e Desenvolvimento, e o que mais se ouviu falar foi da tal crise da agricultura. O tom das palestras, que reuniu economistas e agrônomos, foi até certo ponto apocalíptico. Eles analisaram o modelo agrícola e econômico, concluindo que esta apenas é uma etapa inicial de uma profunda mudança que ainda está por ocorrer. Este novo período deverá modificar ainda mais a estrutura de produção nas zonas de minifúndio, e só poderá ser evitado, segundo os palestrantes, se o próprio agricultor for informado do que está por ocorrer. É que as mudanças previstas não são das melhores, e nem virão para beneficiar os agricultores. É por isto que é preciso estar alerta, procurando entender o que está acontecendo e buscar saídas que contemplem o interesse geral da sociedade. E é esta a nossa intenção ao dedicarmos as páginas centrais para uma matéria sobre o assunto. Confira.

Uma nova fase na política de investimentos da Cotrijuí chega também ao Mato Grosso do Sul. Na unidade de Sidrolândia, por exemplo, os próprios associa-

dos estão custeando, diretamente, a construção de um prédio para a instalação de uma loja da cooperativa. Eles emprestaram soja para se levar adiante o projeto, e irão receber o produto de volta daqui a três anos. É uma política que enfatiza a conveniência de cada unidade assumir seus investimentos, usufruindo destes benefícios. Já foi assim com a área de arroz, em Dom Pedrito, onde se instalou um engenho e uma usina de parboilização, e em Coronel Bicaco, na ampliação do prédio da loja. Em Sidrolândia, a idéia partiu dos próprios associados, e o investimento deverá trazer várias vantagens para os produtores, facilitando a aquisição de mercadorias para o consumo de casa e da lavoura. Veja na última página.

De tão simples, um novo processo de secagem pode ser classificado de "ovo de Colombo". É o que contamos na página 4, onde se mostra um trabalho desenvolvido dentro da Cotrijuí para secar o produto já ensacado. Além de economia, o processo vai trazer uma melhoria na qualidade da semente, revolucionando até mesmo todo sistema de secagem empregado até agora, pois usa o próprio ar ambiente para reduzir a umidade dos grãos.

A cada ano o Departamento de Estudos Econômicos analisa os custos de utilização das máquinas agrícolas. Este trabalho ajuda não só o produtor a calcular as suas despesas, como também facilita os acertos de preços entre quem tem a máquina e quem precisa destes trabalhos para preparar a lavoura. Veja na página 7.

O produtor deve ficar alerta à qualidade do calcário que anda colocando na sua lavoura. Estão sendo registrados problemas com o teor de neutralização deste produto, o que tira em parte sua eficiência se não forem colocadas quantidades maiores no solo. O alerta é para que se exija uma garantia de qualidade do calcário que se compra, para evitar um aumento de custo sobre o qual o produtor não tem nenhuma responsabilidade. Veja na página 6.

Do leitor

FORRAGEIRAS

Desejo receber por meio deste departamento, informações e boletins informativos de forrageiras de estação fria. Isso seria de grande utilidade para mim pois estou cursando o 2º ano da escola técnica de Viadutos.

Sou filho de agricultor e depois de feita a colheita de verão plantamos forrageiras de estação fria, para fazer o piseiteio.

Laércio Sartori
Viadutos - RS

SARGS

Esta tem a finalidade de solicitar a V. Sa. que nos seja remetido o último exemplar publicado do Cotrijornal, e gostaríamos de nossa inclusão na listagem de entidades.

Wagner Silva Risso
Diretor de Divulgação
Sociedade de Agronomia do RS
Porto Alegre - RS

O NOME CERTO

Como recebo deste excelente veículo de educação e divulgação Cooperativa, solicito a gentileza em corrigir o meu nome de Ademir Biandi para Ademir Bianchi.

Sou Tecnólogo em Cooperativismo formado pela Fidene de Ijuí e hoje dou minha parcela de colaboração do desenvolvimento cooperativista deste promissor estado.

Ademir Bianchi
Diretor Secretário da COMARON
Porto Velho - RO

ESCOLA

Solicitamos através desta cartinha que nos enviem se for possível o jornal Cotrijornal, pois será de muita utilidade para a Escola.

Alice Inês da Silva
E. E. São Pedro Canísio
Esq. Laranjeira - Roque Gonzales - RS

CONCURSO

Face ao resultado obtido nas edições anteriores, levou a Secretaria da Agricultura lançar o III Concurso de Diapositivos sobre Conservação do Solo através do Departamento de Recursos Naturais Renováveis - Divisão de Conservação do Solo e Água.

Esta iniciativa visa especialmente buscar a conscientização da comunidade em geral para o uso racional dos recursos naturais e conseqüentemente a sua garantia para as gerações futuras.

Antônio Carlos Tubino
Diretor da DCRSA -
Secretaria da Agricultura
Porto Alegre - RS

NR: As inscrições para o concurso encerram dia 20 de novembro. Ele premiará com Cr\$ 100.000,00 o melhor eslaide que ressalte um aspecto positivo da conservação do solo e com o mesmo valor o trabalho que mostre um aspecto negativo. Para o segundo lugar, o prêmio é de Cr\$ 50.000,00. Maiores informações na Divisão de Conservação do Solo e Água, na Av. Júlio de Castilhos, 585 - 4º andar - Porto Alegre.

EMBRAPA

Consultamos V.Sª sobre a possibilidade de que nos seja enviado, regularmente, um exemplar de sua publicação para que integre o acervo de periódicos do Setor de Difusão de Tecnologia, do Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves - da Embrapa, enriquecendo nosso setor de informação e garantindo o envio de futuras matérias, inclusive mais adequadas, a serem publicadas nesse órgão de comunicação.

Derni das Neves Formiga
Coordenador da Divisão de Tecnologia
Concórdia - SC

EMERGÊNCIA COM DEFENSIVOS

A Shell Química S/A solicita sua atenção, no sentido de colaborar na divulgação de nosso "TELEFONE DE EMERGÊNCIA" (DDD-0192) 74-1781 - PAULÍNIA (SP).

Implantado no final de 1981, esse telefone tem como única finalidade o recebimento de chamadas de emergência para os casos de acidentes com defensivos agrícolas em geral, envolvendo, ou não, pessoas.

Assim, visando o correto manuseio relativo a defensivos agrícolas, a Shell Química S/A, numa atitude pioneira, espera colaborar com esse telefone, para um atendimento rápido e objetivo nas soluções de emergência.

Edson Lobo
Chefe de Comunicações
São Paulo - SP



COTRIJORNAL

Página 2

ASSEMBLÉIA MUDA ESTATUTOS E ANALISA AS DIFICULDADES



Uma assembléia extraordinária que a Cotrijuí realizou dia 24 de setembro, para pequenas alterações nos seus estatutos, foi transformada num rápido painel de questionamento da atual situação da Cooperativa e de todo o sistema cooperativo, e das perspectivas para o produtor. Durante cerca de três horas, o presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, relatou para os 71 associados presentes alguns aspectos de um quadro que ele denominou de "adverso" para o setor primário, e que exigem algumas decisões a curto e médio prazo, que dependem inclusive do comportamento a ser adotado pelo produtor.

"As dificuldades enfrentadas hoje pelas cooperativas são as mesmas da maioria das empresas", disse Ilgenfritz, pois os obstáculos se relacionam principalmente com os custos financeiros. Para as cooperativas, a situação é agravada em função do mercado desfavorável para a soja, que descapitaliza tanto o produtor como sua entidade. Sem capital de giro, elas são obrigadas a recorrer a empréstimos com juros quase inacessíveis.

DESMOBILIZAR

Esta época de dinheiro difícil e caro foi comentada também pelo vice-presidente Arnaldo Drews, que lembrou da situação bem diferente de dois ou três anos atrás, quando o crédito era subsidiado e os investimentos podiam ser executados com facilidade. Hoje, já não existem investimentos, e as cooperativas são obrigadas a administrar uma séria carência de recursos, para pelo menos manter seus serviços.

Este alto custo financeiro dificulta as atividades do sistema, que hoje enfrenta um déficit preocupante (veja páginas centrais desta edição). A Cotrijuí tem, no entanto, uma alternativa que não é privilé-

gio de todas as empresas, ou seja, a desmobilização de parte de seu patrimônio. Esta opção existe de forma concreta com a já anunciada possível negociação do terminal Luiz Fogliatto, de Rio Grande, sem que a Cotrijuí tenha com isso sua estrutura comprometida.

Ilgenfritz comentou os contatos que vêm sendo mantidos com órgãos oficiais, em Brasília, para que a venda do terminal aconteça com a maior brevidade possível. Estas gestões estão sendo conduzidas com êxito, e há expectativa em torno do fechamento do negócio, pois há parecer favorável de algumas áreas, para a compra do terminal. Se o negócio ocorrer, a Cooperativa poderá desafogar boa parte de seus compromissos, e depender menos dos empréstimos a juros altos.

UNIDADE

Para Ruben Ilgenfritz da Silva, o momento não deve, no entanto, permitir apenas o questionamento de questões imediatas, mas oportunizar uma análise mais profunda das dificuldades enfrentadas pelo produtor e pelas cooperativas. Esta seria, segundo ele, a hora de se buscar uma unidade do sistema cooperativista. "Talvez seja novamente num momento de dificuldades que acontecerá o entendimento", disse ele, lembrando que o quadro geral é comum a todas as entidades do sistema.

"Temos que pensar em sobreviver, e admitir ao mesmo tempo que nada resolve a unidade do quadro social de uma cooperativa, isoladamente, sem que se consiga a unidade do sistema como um todo", afirmou Ilgenfritz. Segundo ele, isso deve ocorrer a partir da conscientização do produtor, de que a agricultura precisa de novas alternativas. Nesse caso, não devem ser levadas em conta apenas as op-

ções técnicas existentes em termos de lavoura, mas os resultados econômicos da atividade, que irão se definindo, a cada ano, para que o setor busque novos rumos.

TRIGO

Durante a reunião realizada após a assembléia, foram abordados também alguns assuntos gerais de interesse do produtor, entre os quais a comercialização da próxima safra do trigo. O diretor de Operações, Euclides Casagrande, lembrou que este ano o associado terá que atentar para o detalhe de que o preço do trigo irá oscilar a cada mês, pois foi fixado antecipadamente em 275 dólares a tonelada. Isso quer dizer que até dezembro, a cada mês, o preço será variável, de acordo com a cotação do dólar. O produtor terá então que comunicar com antecedência a Cooperativa, para anunciar a época em que pretende comercializar sua safra. O dólar vem sendo valorizado, em média por mês, em torno de cinco por cento.

ESTATUTOS

As alterações nos estatutos, aprovadas por unanimidade, fazem parte de medidas administrativas sem maiores implicações para o quadro social. Foi modificado o texto da letra "b" do artigo 1º, que estabelecia o exercício social para o período de 1º de outubro a 30 de setembro. A partir de agora o exercício passa a ser de 1º de janeiro até o último dia útil de cada ano.

A letra "a", do artigo 54, também teve seu texto alterado, e assim o Fundo de Reserva passou de 10 para 20 por cento. Na letra "b", do mesmo artigo, o Fundo de Assistência Técnica Educacional e Social passou de 10 para 30 por cento. O artigo 56, que tratava do Fundo de Desenvolvimento, foi eliminado.

O trabalho dos ex-conselheiros

O trabalho dos ex-conselheiros da Cotrijuí, como consultores da direção, começa agora a engranar. Depois de uma primeira reunião, no mês de julho, quando foi constituído o grupo, eles voltaram a se reunir, isto no dia 15 de setembro. Foi um encontro onde se procurava pensar sobre a situação atual da agropecuária, na busca de uma visão mais ampla da realidade em que se vive. Com este entendimento também fica mais fácil compreender a atuação da própria cooperativa, diagnosticando a situação e levando propostas para a direção da Cotrijuí.

Nesta reunião o objetivo era entender a situação da agropecuária em âmbito estadual, como primeiro passo do trabalho que recém inicia. Os ex-conselheiros debateram, em grupos, duas questões. Uma pergunta sobre o futuro da agricultura e da pecuária na região, e a outra pedia que, partindo da estaca zero, os ex-conselheiros definissem o que deveria ser feito nas propriedades rurais. Na programação também estava incluída uma palestra do professor Edgar Irio Simm, diretor do IEPES (Instituto de Estudo e Pesquisa Econômica e Social), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

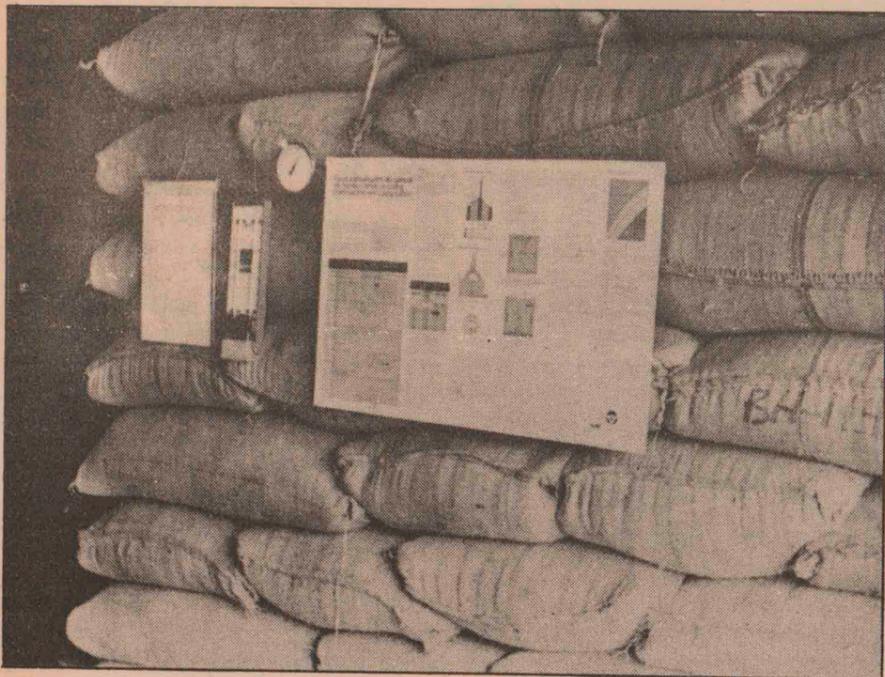
De acordo com as respostas dos grupos, o futuro da agricultura dependerá de uma série de fatores: medidas práticas de diversificação, revisão do crédito agrícola e política de preços; do retorno à agropecuária de subsistência; do uso de tecnologia adequada; de uma mudança de mentalidade do produtor; da organização política dos produtores; da capacidade de consumo do mercado interno; e de um novo ensino rural, que seja adequado às necessidades do produtor.

Se fosse o caso de poder recomeçar tudo da frente, eles consideraram que seria preciso fazer um planejamento de atividades a partir de um estudo da propriedade, analisada em termos de produção. Além disso, os ex-conselheiros são da opinião que todas as aplicações e investimentos só deveriam ser feitos se adequados à realidade de cada propriedade, visando com isto baratear os custos e também obter uma produção que garanta a rentabilidade do investimento. Outro ponto, seria fazer uma revisão do uso dos solos, fazendo rotação e definindo inclusive as áreas de reflorestamento e agricultura. Eles ainda falaram que a produção deveria inicialmente visar as necessidades da família do produtor, ficando a preocupação de vender em segundo plano. Também providenciariam numa ocupação maior da mão-de-obra rural, evitando o desnecessário investimento em mecanização e procurando fixar o homem à terra. Seria preciso ainda organizar o produtor para estudar a situação e encaminhar soluções, através da cooperativa, aos órgãos competentes. Por fim, falaram do direito à representação direta dos produtores junto às comissões oficiais que estudam a política agrícola.

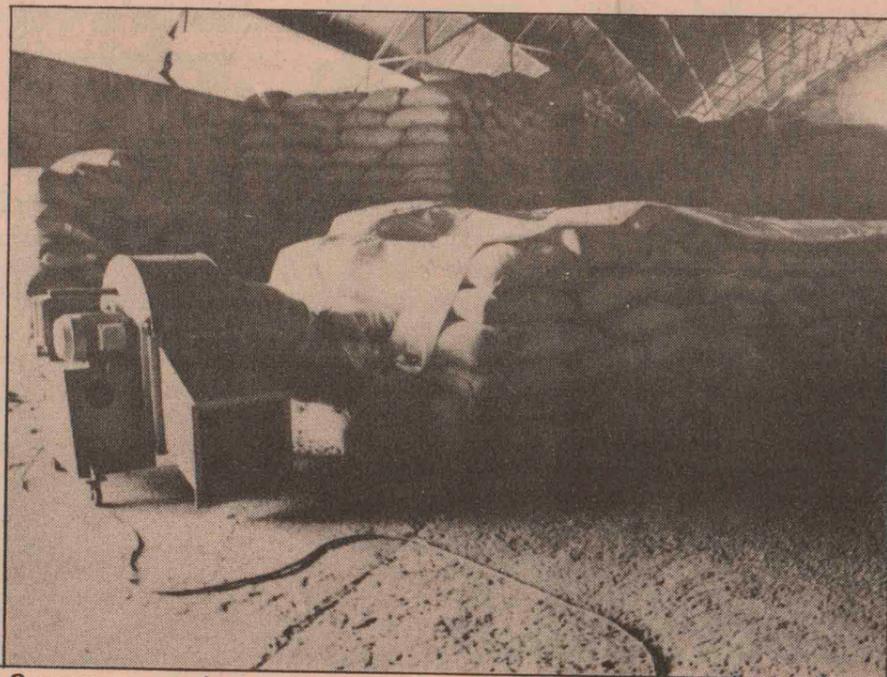
A palestra do professor Simm, sobre as perspectivas da economia gaúcha reforçou ainda mais as conclusões dos grupos. Na sua opinião, o produtor precisa administrar sua propriedade com espírito empresarial, controlando muito bem os investimentos e tecnologias aplicadas para conseguir obter os melhores resultados.

Já ficou marcado para o mês de dezembro um próximo encontro, onde deverá ser enfocado especificamente o cooperativismo.

UMA INOVAÇÃO: SECAGEM DO GRÃO JÁ ENSACADO



O tempo de secagem é determinado pela temperatura e umidade do ar



O processo economiza energia e mão-de-obra, preservando a qualidade do grão

Os problemas de secagem de grãos armazenados podem estar definitivamente resolvidos a partir de agora. E de uma forma muito simples e barata: usando o próprio ar ambiente para reduzir a umidade dos grãos já acondicionados em sacos nos quais serão comercializa-

dos. É na semente que este novo processo mais mostra suas vantagens, pois ele evita os choques — tanto de temperatura como de manuseio — que são comuns nos processos tradicionais de secagem, quando é utilizada uma fonte de calor e o produto é constantemente movi-

mentado nos secadores.

Este sistema vem sendo desenvolvido há quatro anos pelo técnico Otacílio Pacheco da Cunha, que aproveitou a estrutura da Cotrijuí para realizar os testes finais do seu invento. Ele fez experiências com a secagem de sementes forrageiras, na unidade de Ijuí; com o arroz, em Dom Pedrito; e com sementes de trigo, em Maracajú, no Mato Grosso do Sul. E os resultados foram tão animadores que o Otacílio já desenvolveu inclusive o projeto para secagem a nível industrial, nos grandes armazéns.

O princípio deste sistema é a utilização de um exaustor que trabalha com alta pressão, "puxando" e fazendo passar o ar através da massa de grãos ensacados. Nisto aí aparecem uma série de vantagens. A primeira é exatamente a qualidade do produto: como a semente não sofre a movimentação exigida nos secadores convencionais, fica eliminado assim o risco de danos físicos, o que condena a semente. Também se consegue manter o vigor da semente, assegurando os níveis de germinação.

CUSTO MAIS BAIXO

Outro ponto importante é o de custo. Nas ex-

periências realizadas em Maracajú, foi apurado um custo de Cr\$ 6,00 por saco na secagem por este novo sistema. No secador convencional, movido a óleo, o custo fica 10 vezes maior, em torno de Cr\$. . 60,00 por saco. Isto porque se dispensa o uso de uma fonte de calor para o processo de secagem dos grãos, já que o exaustor é movido à energia elétrica.

Este sistema ainda permite uma agilização maior de todo serviço de armazenagem. No caso do produto semente, por exemplo, os próprios produtores já encontram vantagem, pois não precisarão mais entregar a semente ensacada, reduzindo assim seus custos. O produto pode ser levado à granel para os armazéns da Cooperativa, onde então será beneficiado, passando pelas etapas de limpeza e classificação antes mesmo da secagem. O próprio manuseio da semente com níveis maiores de umidade já reduz os índices de danos ao produto, pois quanto mais seco, mais frágil se torna o grão. A secagem, neste caso, só acontecerá depois do produto já limpo, ensacado e colocado em pilhas. Desta forma se evitará boa parte do trabalho, pois não será preciso abrir os sacos

para classificar e secar a semente, e depois reensacar o produto. As pilhas já ficarão prontas de vez.

O OVO DE COLOMBO

O Otacílio começou a desenvolver esta idéia quando encontrou um desafio pela frente: a secagem de sementes forrageiras. Estas sementes são muito leves e frágeis, o que impede que elas passem pelos secadores convencionais, pois não conseguem correr pelos dutos destas instalações. Outro problema é que elas não suportam o calor, exigindo que a secagem seja feita muito vagorosamente e em temperaturas mais amenas. Pois foi tentando resolver esta questão para a Cooperativa de Lãs Valuruguai, de Uruguaiana, que o Otacílio começou a trabalhar no seu projeto de aeração. É ele quem conta:

— Quando surge o problema se pensa numa solução, até que venha aquela "luz". Foi assim também com este sistema de secagem, que é um "ovo de Colombo", de tão simples. Mas levei um bom tempo para ver que poderia secar o produto dentro do próprio saco, sem que houvesse movimento da massa de grãos, e sim apenas a passagem do ar através dela.



* também chamada de papuá ou capim marmelada.

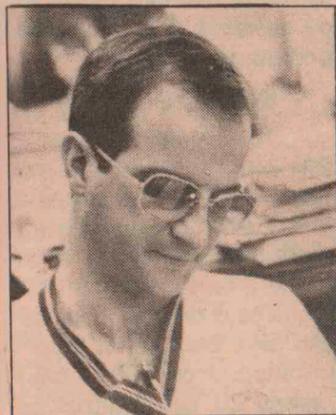
Chegou o herbicida para soja que acaba não só com a marmelada, mas também com pé-de-galinha, colchão, capim arroz, carrapicho e outras ervas daninhas de folhas estreitas e mais algumas de folhas largas.

Dual o herbicida para soja tão moderno que dispensa incorporação.

CIBA-GEIGY
DIV. AGROQUÍMICA

O invento é um "ovo de Colombo"

É até fácil de entender porque o próprio Otacílio classifica a sua idéia de "ovo de Colombo": pela simplicidade do sistema que desenvolveu. No lugar de equipamentos caros e elevado consumo de energia, seu projeto exige apenas um exaustor, produto ensacado e instrumentos para determinar a temperatura ambiental e a umidade relativa do ar. É claro que o exaustor deve respeitar pelo menos as vazões



Otacílio Cunha: simplicidade

mínimas recomendadas para a secagem do produto. Isto normalmente seria um ventilador com características de grande volume de ar, alta pressão e eficiência.

Os testes finais foram realizados em Maracajú, na secagem de semente de trigo, durante o mês de agosto. Ali, no interior do armazém de sementes, foi montado um protótipo do sistema: um exaustor com capacidade para secar até 400 sacos do produto. Os sacos foram colocados em duas pilhas, deixando um espaço no meio, e cobertos por uma lona bem grande. A boca do exaustor foi instalada entre as duas pilhas, de forma a "puxar" o ar, forçando-o a passar entre as pilhas de produto ensacado.

SEMPRE CONTA UMIDADE DO AR

Todo processo leva em consideração os níveis

de umidade relativa do ar. Quanto mais seco o tempo, mais rápida será a secagem. É por esta razão que principalmente no Mato Grosso do Sul, onde o clima é bastante seco, se torna mais fácil e rápido todo processo de secagem. Para o Rio Grande do Sul, como explica o Otacílio, será necessário realizar um certo aquecimento da temperatura ambiente, o que reduz os níveis de umidade relativa do ar:

— A cada 10 graus centígrados que se eleva a temperatura, se consegue uma redução na umidade na ordem de 50 por cento. Assim, elevando a temperatura, fica mais fácil também a secagem do produto

O princípio de secagem é realmente simples. Ele leva em consideração o fato de que o grão tem condições de ceder ou absorver umidade. Quando o ar está mais seco que o

grão, ele cede umidade para o meio-ambiente. Já quando a umidade do ar é superior à do grão, é o grão quem absorve esta umidade. Depois do produto seco, porém, estas modificações de umidade são pouco significativas, e o produto não corre mais o risco de umidade a ponto de estragar.

COM TEMPO ÚMIDO ELEVAR TEMPERATURA

São exatamente a umidade do ar e temperatura ambiente que determinam até que ponto pode ser secado o grão. Em dias de muita umidade — em índices superiores a 80 por cento — o processo só se mostra viável se o ar for aquecido. É que existe um ponto de equilíbrio, que representa qual é exatamente a umidade da semente que pode ser alcançada. Num dia com umidade de 90 por cento e tem-

peratura de 20 graus centígrados, a umidade do produto não fica inferior a 19 por cento. Nestes casos será preciso aquecer o ar para que a umidade do produto consiga ser reduzida a níveis mais baixos.

Este aquecimento do ar, como enfatiza Otacílio, somente será realizado quando o tempo permanecer úmido por um período de dias muito longo. Nestes casos, o ambiente deverá ter sua temperatura levemente aquecida, seja através de resistência elétrica, ou trocadores de calor movidos à lenha ou carvão, etc, tudo dependendo da dimensão da área de secagem. Desta forma, a secagem do produto pode depender das condições climáticas. O tempo máximo de secagem chega a 10 horas, isto em condições naturais de temperatura e umidade do ar no Mato Grosso do Sul.

O sucesso em Maracaju

Na Unidade de Maracajú os testes de secagem de produto ensacado se mostraram um grande sucesso. A utilidade do sistema é vista com entusiasmo não só na secagem do produto semente, como também no arroz destinado para o comércio. Se na semente existe a garantia de uma melhor qualidade e manutenção do vigor, no caso do arroz esta secagem evitará os problemas de choque térmico e mesmo de manipulação do produto, reduzindo conseqüentemente as quebras na hora de passar os grãos pelo engenho.

O pessoal da unidade de Maracajú já pensa inclusive em como empregar este sistema a nível industrial, secando grandes quantidades de produto ensacado dentro do armazém. Para isto, será necessário um projeto dimensionado para estas condições, adaptando os espaços já existentes. Em termos de novos investimentos, serão necessárias quatro novas moegas, para receber o produto à granel, e ainda a aquisição de uma nova máquina de limpeza, que tenha maior capacidade que a atual. É que recebendo a semente à granel, será preciso montar um novo esquema de recebimento e classificação.

Os testes no Mato Grosso foram realizados na unidade de Maracaju, por ser exatamente este o local onde mais produto semente tem sido recebido pela Cotrijuí. Na última safra foram 30 mil sacos de trigo, 50 mil de soja e 30 mil sacos de arroz. O interesse também se explica pela necessidade da região produzir sua própria semente, já que através do siste-

ma convencional de secagem, especialmente na soja, o aproveitamento tem sido muito baixo. É que o produto já é colhido em condições de pequena umidade relativa do ar, e sofre consideravelmente quando submetido ao processo convencional de secagem.

COLABORAÇÃO

"Será importante", como realça Vilmar Hendges, gerente da unidade de Maracajú, "que o produtor também se integre neste novo sistema de recebimento de semente que pretendemos instalar". De acordo com Vilmar, a lavoura também deverá ser conduzida com um certo capricho, "porque não adianta montar um novo esquema de recebimento se não houver um cuidado especial do produtor". Um destes cuidados, em princípio, seria a utilização caminhões-caçamba para o transporte da semente, para evitar a mistura varietal. Nos caminhões com carroceria normal, é muito comum não se conseguir uma limpeza perfeita da área, sempre permanecendo alguma semente num canto da carroceria.

A intenção, como explica o agrônomo Realdo Cervi, coordenador técnico da unidade de Maracaju, é realizar uma série de reuniões com os associados para divulgar o sistema e ver a sua intenção em colaborar:

— Esta ajuda é no sentido dos produtores se organizarem, em termos de limpeza da lavoura, transporte em caçambas, colheita no momento apropriado.

Calçados Lizott



Qualidade em couro

Confira nas Lojas Cotrijuí

PREJUÍZO DUPLO COM O CALCÁRIO SEM QUALIDADE

A qualidade do calcário que anda sendo utilizado na região tem deixado muito a desejar. Grande parte deste calcário que o produtor está espalhando pelas lavouras não chega a atingir 80 por cento de "poder relativo de neutralização total", mais conhecido como PRNT, que seria o normal. Sendo assim, o agricultor acumula, dois prejuízos ao mesmo tempo, pois está pagando por uma qualidade que não existe no produto e não está corrigindo o solo como recomenda a técnica. O Rivaldo Dhein, agrônomo e gerente da Divisão de Solos da Cotrijuí, é quem entende melhor do assunto, e explica qual é o PRNT mínimo que deve ter o calcário para ser incorporado:

— Teoricamente, o calcário considerado de boa qualidade, deve apresentar um PRNT de pelo menos 80 por cento e os nossos calcários comuns nem chegam a tanto. As análises têm acusado calcários com PRNT inferior a 50 por cento.

MAIS CUSTOS

Quanto mais alto o PRNT do calcário, menor quantidade precisa ser incorporada para corrigir a acidez do solo. Se o calcário é de qualidade inferior, como vem acontecendo, o produtor terá de incorporar maior quantidade para obter resultados satisfatórios. "O custo neste caso será maior", observa o Rivaldo, "porque o calcário é vendido por tonelada, in-

dependente do seu PRNT". Por exemplo, em vez de usar apenas cinco toneladas de calcário com 80 por cento de PRNT como recomenda a técnica, ele terá de usar oito toneladas, se a análise acusar apenas 50 por cento de PRNT, para poder compensar a baixa qualidade.

SEM FISCALIZAÇÃO

Como não existe fiscalização oficial que regule a venda de calcário, quase nenhum produtor anda incorporando calcário com 80 por cento de PRNT. Apenas para alertar o pessoal neste sentido, o Rivaldo dá um conselho aos produtores:

— O nosso alerta é de que o produtor, na hora da compra do produto, exija

que seja colocado no pedido a garantia do PRNT. Nem que eles não coloquem 80 por cento, que seja 70, já é uma garantia.

GARANTIA

Foi bem assim, que um produtor de Santo Augusto, mais despachado, não se deixou enganar. Comprou o calcário, mas exigiu a garantia no pedido de compra (no caso foi 70 por cento de PRNT). Munido da garantia como comprovante, encaminhou uma amostra do produto para o Ipagro (Instituto de Pesquisa Agronômica) em Porto Alegre, onde foi constatado, através de análise, que o calcário não tinha nem 50 por cento de PRNT. Como o produto era financiado pelo Banco do Brasil e o produtor estava munido do atestado de garantia, a firma revendedora foi obrigada a ressarcir, fornecendo gratuitamente, mais 100 toneladas de calcário ao associado, como compensação pela venda de produto de baixa qualidade.

Garante o Rivaldo, que a qualidade do calcário nada tem a ver com a cor. "Pode-se julgar a qualidade do calcário pelo grau de moagem, que quanto mais fino, melhor". Mas o jeito mais seguro do produtor não entrar em nenhuma fria, segundo o Rivaldo, é exigir uma garantia de qualidade do produto no pedido de compra. "É só trazer uma amostra do produto que encaminhamos ao Ipagro para análise".

ÁGUA POR CALCÁRIO

A mesma coisa também vem acontecendo com a umidade do calcário. Como o calcário úmido pesa muito mais do que seco, tem muito produtor comprando água por calcá-

rio. O teor de umidade do calcário incorporado ao solo deve ficar em torno de dois por cento, "mas tem produtor comprando calcário até com 10 por cento de umidade", alerta o Rivaldo. Também neste caso, o produtor pode seguir o mesmo procedimento do PRNT, exigindo a garantia do teor máximo de umidade do produto no pedido de compra.

INCORPORAÇÃO

Como grande parte dos produtores precisa refazer a correção do solo, já que a última aplicação foi realizada há cinco anos atrás, a recomendação dos técnicos é de que a aplicação seja bem feita, incorporando o calcário a pelo menos 20 centímetros de profundidade no solo. O Rivaldo sugere que primeiro se espalhe uma metade, passando a grande por cima. Em seguida se espalha a segunda metade e depois se faz uma lavração profunda, voltando a gradear a área para o plantio". Esta recomendação serve apenas para os casos em que se usa grandes quantidades (mais de cinco toneladas por hectare). Quando as quantidades são pequenas, ficando em torno de três a quatro toneladas por hectare, a incorporação poderá ser realizada por ocasião da lavração de preparo de solo.

O Rivaldo também não aconselha a incorporação do calcário com pé de pato ou só com a grade, "porque fica uma dose muito elevada na camada superficial do solo (super-calagem) e uma pequena dose na camada mais profunda (sub-calagem). Este tipo de concentração tem sido apontada como responsável pelo desenvolvimento do mal-do-pé do trigo.

Sementes CARGILL

As campeãs em toda terra.



Há muita gente dando palpites sobre sementes de milho híbrido. A Cargill acha que você, plantador, é a maior autoridade no assunto. Você é que sabe onde e quando vai plantar, que resultado quer. A Cargill põe a seu dispor sementes para responder a essas questões: onde, quando, quanto. Sementes precoces ou de ciclo normal. Sementes para vários tipos de solos e climas. Sementes para diversas finalidades. Mais informes em sua Cooperativa: eles também entendem deste assunto.

Cargill

Sementes Cargill

Transferência de animais

A transferência de bovinos, equinos, caninos e aves para o Mato Grosso, Goiás e outros estados do Brasil, deverá ser acompanhada de atestado sanitário (exames de brucelose, tuberculose e vacinas contra raiva e new castle). O alerta é do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí - Setor de Veterinária - para que o pessoal responsável pela transferência de animais providencie estes atestados pelo menos 60 dias antes do embarque. Quem não cumprir os prazos, além de ver retardado o embarque, pode sofrer multas e até mesmo a apreensão dos animais. Estes atestados podem ser obtidos junto ao Setor de Veterinária da Cotrijuí, que é credenciada pelo Ministério da Agricultura para a expedição do documento.

AS DESPESAS COM O USO DAS MÁQUINAS

De quanto tem sido o aumento nos custos operacionais das máquinas, desde o plantio até a colheita? Os produtores que têm feito esta indagação contam agora com alguns dados que podem apresentar diferenças, considerando-se o caso de cada agricultor, mas que servem de base para se ter uma idéia do crescimento destas despesas, num período de 12 meses, de setembro do ano passado, até setembro deste ano. Isso foi possível através dos levantamentos que o Departamento de Estudos Econômicos da Cotrijuí vem realizando desde 1979, e que mostram agora um aumento de 93,06 por cento nestes custos durante o período de setembro a setembro.

Para apurar os aumentos registrados em cada item dos custos, neste período, o departamento repetiu o mesmo sistema que vem sendo utilizado periodicamente, ou seja, levantando dados no Centro de Treinamento da Cotrijuí, em Augusto Pestana, e em propriedades da Região Pioneira. Depois disso, foi preciso apenas uma comparação, colocando lado a lado as despesas de 81 e as deste ano, para que o produtor possa ficar sabendo em quanto cresceram estes gastos em relação ao preparo da terra, plantio, tratamentos culturais e colheita.

CRITÉRIOS

O levantamento de custos foi introduzido na Cotrijuí através do programa de contabilidade rural, e serve de base para que se acompanhe os gastos do uso das máquinas. É assim também que o produtor pode dispor de números, sempre que prestar serviços a terceiros. Sabendo quanto gastou, ele saberá também quanto poderá cobrar, para que nenhuma das partes corra o risco de sair prejudicada.

Este último estudo, realizado no início de setembro, utilizou os mesmos critérios usados em igual mês do ano pas-

sado, as mesmas máquinas e os mesmos equipamentos, tirando daí uma média dos custos. Foram considerados os gastos com combustíveis, lubrificantes, filtros e graxa, entre outros itens, além da depreciação das máquinas e equipamentos, ou seja, os desgastes que exigem reparos e também implicam em despesas. Não estão computados os gastos com mão-de-obra, porque estes são bem variáveis, e o estudo envolve, afinal, apenas despesas operacionais com máquinas e equipamentos e os insumos que elas utilizam.

COMO SOMAR

São levadas em conta as operações de preparo da terra, para início do levantamento. Estas operações podem ser a aração ou a subsolagem, já que o produtor realizará uma ou outra, a gradeação pesada e a gradeação com niveladora. Depois, vêm os custos com plantio e adubação, e a aplicação de herbicidas ou inseticidas. E, por último, aparecem os custos com a colheita. Cada uma dessas operações tem seus custos apurados em subto-

tais (veja a tabela), para que se chegue ao total geral.

Um produtor que realizou aração, irá considerar a soma dos subtotais 1, 3 e 4, para que chegue ao total dos gastos. Quem realizar subsolagem, fará a soma dos subtotais 2, 3 e 4. Na tabela, aparecem os custos das operações por hora e por hectare. É que nem todo o trabalho com máquinas, mesmo que seja semelhante, pode ser realizado em igual período de tempo, num hectare. É o caso, por exemplo, da aração e da subsolagem, que oferecem conclusões interessantes.

O PREPARO

A aração exige mais tempo que a subsolagem, pois o trabalho com um arado, num hectare, leva em média 2 horas e 5 minutos. Já o subsolador, também num hectare de terra, ocupa um tempo de apenas 1 hora e 20 minutos. O estudo mostra que, em comparação com o ano passado, a subsolagem ficou mais cara, considerando-se os gastos com uma hora de trabalho, em comparação com a aração. No ano passado, o trabalho com ara-

do era mais caro.

Mas isso não quer dizer que o arado seja mais econômico, pois o menor tempo gasto com o subsolador ainda dá vantagem a esta operação, como ressalta o tecnólogo Luís Juliani, que coordenou o levantamento. O custo por hora da subsolagem teve um aumento de 131,03 por cento (o maior de todos os itens), em função do subsolador ter ficado mais caro no mercado. O preço deste equipamento foi reajustado em 184 por cento neste período, e isso conta no levantamento, que se baseia em valores atualizados, ou seja, nos preços de máquinas e equipamentos que vigoram no momento no mercado.

CUSTO MAIOR

Como os valores são atuais, para efeitos de cálculo dos custos deste ano, é claro que o agricultor que utiliza máquinas com maior tempo de uso terá um gasto um pouco maior que o revelado pela tabela. Juliani esclarece também que o aumento de 93,06 por cento, no período utilizado para as comparações, é a média da soma das operações, considerando-se a utilização de arado e de subsolador. Com a aração convencional foi registrado um aumento de 87,86 por cento, e com a subsolagem os gastos cresceram 98,26 por cento. Daí é que sai a média.

Também é preciso lembrar que a subsolagem levada em conta é a leve, e por isso o custo chega a apenas Cr\$ 1.973,00 por hectare. Esta operação é considerada no trabalho porque muitos produtores costumam utilizá-la em troca da aração comum. Mas com uma subsolagem de fato, que penetre até 25 centímetros abaixo da superfície do solo, as despesas sobem bastante. Neste caso, os gastos chegam a Cr\$ 4.949,00, porque aí o trabalho não será realizado em apenas 1 hora e 20 minutos, mas em 3 horas e 15 minutos.



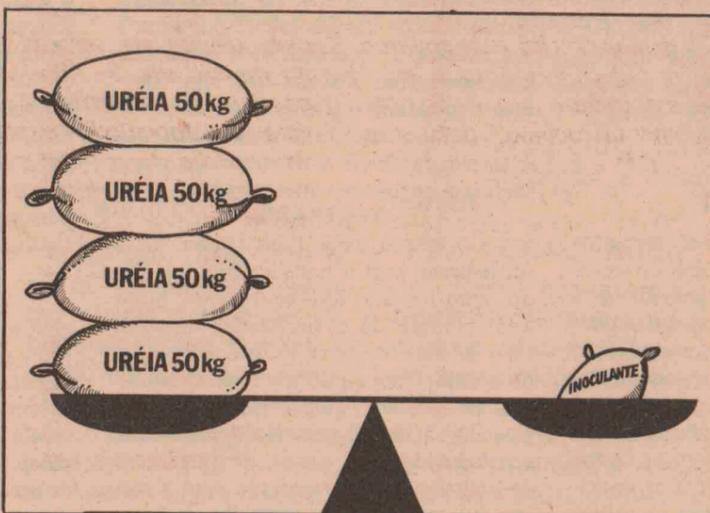
CUSTO HORA/MÁQUINA

OPERAÇÕES	MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	CUSTO UNITÁRIO - Cr\$/hora		CUSTO TOTAL - Cr\$/ha		% DE AUMENTO/ha
		1981	1982	1981	1982	
Aração	Trator Valmet 88 ID + Arado MF 4 discos	909,00	1.497,00	1.891,00	3.114,00	64,69
Gradeação pesada	Trator Valmet 88 ID + Goble	920,00	1.572,00	870,00	1.487,00	70,95
Niveladora (Grade)	Trator Valmet 88 ID + Niveladora	915,00	1.579,00	577,00	995,00	72,45
SUBTOTAL (1)	—	2.744,00	4.648,00	3.338,00	5.596,00	67,65
Subsolagem leve	Trator Valmet 88 ID + Subsolador Imasa	651,00	1.503,00	854,00	1.973,00	131,03
Gradagem pesada	Trator Valmet 88 ID + Goble	919,00	1.572,00	870,00	1.477,00	69,77
Niveladora (Grade)	Trator Valmet 88 ID + Niveladora	915,00	1.579,00	577,00	995,00	72,45
SUBTOTAL (2)	—	2.485,00	4.654,00	2.301,00	4.445,00	93,18
Plantio/Adubação	Trator Valmet 88 ID + Semeadeira	1.098,00	2.243,00	620,00	1.267,00	104,36
Pulverização/Aplicação herbicida	Trator MF 265 + Pulverizador Jacto 600 lit.	772,00	1.720,00	471,00	1.051,00	123,15
Aplic. inseticidas	Idem	718,00	1.608,00	493,00	1.057,00	114,41
SUBTOTAL (3)	—	2.588,00	5.571,00	1.584,00	3.375,00	113,07
Colheitadeira	Automotriz MF 2640	3.418,00	6.670,00	3.782,00	7.380,00	95,14
SUBTOTAL (4)	—	3.418,00	6.670,00	3.782,00	7.380,00	95,14
TOTAL (1+3+4)	—	8.750,00	16.889,00	8.704,00	16.351,00	87,86
TOTAL (2+3+4)	—	8.491,00	16.895,00	7.667,00	15.200,00	98,26

A POUPANÇA QUE TRAZ O USO DO INOCULANTE

“Uma das maneiras de baratear o custo da produção e obter alimento de boa qualidade”, garante o Rivaldo Dhein gerente da Divisão de Solos da Cotrijuí, “é fazer a inoculação de sementes de leguminosas antes do plantio”. A inoculação consiste em misturar às sementes de leguminosas (soja, tremoço, alfafa), culturas artificiais de certas bactérias que são mais conhecidas pelo nome de “rizóbios”. Estes “rizóbios”, quando adicionados às sementes, vão se alojar nas raízes, fixando o nitrogênio que retiram do ar. O nitrogênio é um elemento essencial para qualquer forma de vida, quer seja animal ou vegetal.

A prática da inoculação, usando a bactéria “rizóbio” vem do ano 1896, quando um pesquisador alemão conseguiu tirar a tal bactéria dos nozinhos que apareciam nas raízes de algumas leguminosas. Mas os povos mais antigos costumavam fazer um tipo de inoculação bem simples, transplantando um pouco de terra de uma lavoura mais antiga, para uma lavoura recém plantada. Como essas bactérias existem na natureza, elas iam misturadas à ter-



ra e terminavam por se alojar nas raízes das plantas. “Ou então”, conta o Rivaldo, “eles misturavam às sementes, antes do plantio, um pouco de terra. Apesar de rudimentar, esta técnica ajudava a planta a desenvolver-se em melhores condições e com certa auto-suficiência em nitrogênio”.

NA NATUREZA

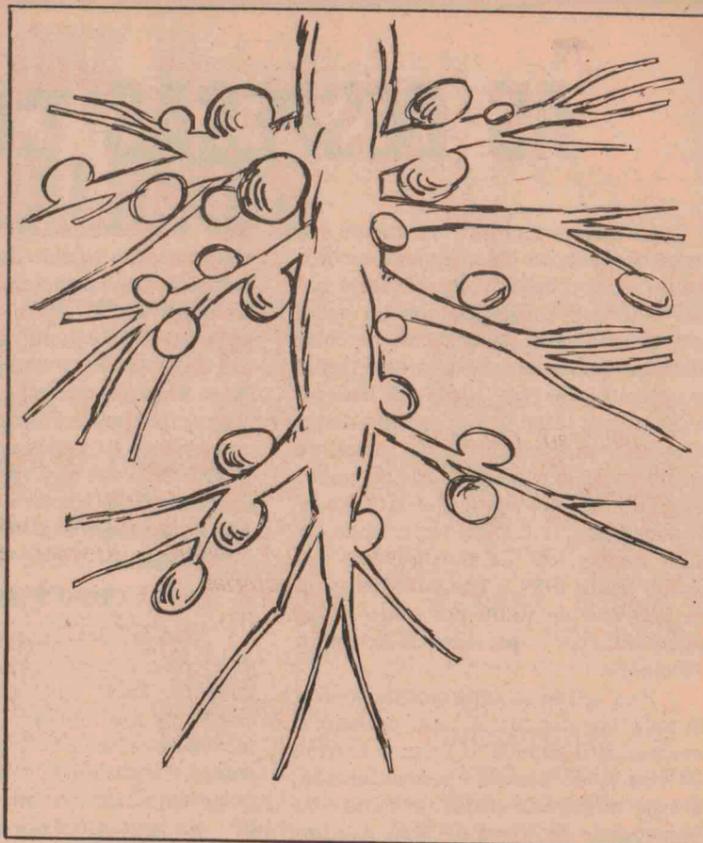
As bactérias do gênero “rizóbio”, quando no solo, penetram nas raízes jovens das leguminosas, num período de quatro a 12 dias após a germi-

nação. Três a cinco semanas depois, dependendo da espécie vegetal e de alguns fatores ambientais, começam a aparecer os primeiros nódulos (pequenas batatinhas) nas raízes.

Mesmo que a semente não seja inoculada com produto comercial, e em decorrência da existência natural de bactérias no solo, pode ocorrer a nodulação. “Só que nestes casos”, como deixa claro o Rivaldo, “nem sempre a fixação do nitrogênio é satisfatória”. Quando a semente não é inoculada podem se alojar nas raízes “rizóbios” que nem sempre são os mais eficientes para aquela espécie. Dessa maneira, esses “rizóbios” estarão impedindo a invasão por parte de outras estirpes (tipos de rizóbios) que seriam mais adaptadas à espécie. Para que o produtor não corra tal risco, a recomendação dos técnicos é o uso do inoculante comercial, vendido em saquinhos “com um custo pequeno”. Dentro deste saquinho existe um pó preto, que nada mais é do que um pouco de solo (turfa), e que serve de veículo para manter as bactérias vivas até o momento de sua aplicação às sementes. “Somente o inoculante específico garantirá a fixação do nitrogênio”, explica o Rivaldo.

PARA CADA ESPÉCIE,

Os resultados de uma inoculação só serão realmente eficientes, se as sementes forem inoculadas com a estirpe específica para a cultura. Um inoculante para a soja, por exemplo, não é eficiente para a alfafa. Até mesmo as estirpes mais eficientes para uma variedade de soja, podem ser menos eficientes para outras variedades da mesma espécie. O próprio produtor tem condições de constatar a campo a eficiência ou não do inoculante aplicado, cortando os nódulos com



lâminas finas. “Se os nódulos encontrados nas raízes forem pequenos, de cor esverdeada ou rosa pálido, o produtor pode ficar certo de que o inoculante usado não foi o melhor”, segundo o Rivaldo. Quando os nódulos forem maiores e de cor vermelha internamente, significa que a especificidade está de acordo com a variedade e os resultados da lavoura poderão ser os melhores.

SEM RESPOSTA

Pelo lado econômico, a inoculação de sementes substitui com vantagens a adubação mineral, “proporcionando nitrogênio quase que gratuitamente e em quantidades maiores do que as adubações podem oferecer”, diz o Rivaldo. “Quando as sementes são corretamente inoculadas e a nodulação for satisfatória, as plantas não respondem à adubação nitrogenada. É dinheiro jogado fora fazer as duas coisas ao mesmo tempo”.

Os custos com um hectare de soja, por exemplo, serão bem menores se o produtor usar apenas o inoculante. “Nesse hectare de soja, ele vai utilizar de uma a uma e meia dose de inoculante. Essa dose, que custa por volta de Cr\$ 42,00, proporciona, de acordo com os cálculos feitos pelo Rivaldo, uma fixação de nitrogênio variável de 30 a 130 quilos por hectare, como mostra a tabela número 1, na página ao lado. Considerando uma fixação média em torno de 100 quilos por hectare de nitrogênio, o custo será de Cr\$ 0,42 a Cr\$. . . 0,63. Se usarmos uma adubação de 200 quilos por hectare de 5-30-10-, estaremos adicionando apenas 10 quilos por hectare de nitrogênio, a um custo aproximado de Cr\$. . . 134,00.

Também é preciso levar em conta que o nitrogênio adicionado ao solo sob a forma de fertilizante químico, pode ser levado pelas chuvas, vindo a fa-

zer falta para a planta numa época de estiagem. “Já o fornecimento de nitrogênio através de nódulos é constante, e mesmo para culturas plantadas depois na mesma área, o nitrogênio no solo vai sendo liberado aos poucos, à medida que os resíduos das leguminosas forem se decompondo. Também os riscos de perdas são bem menores”, alerta o agrônomo.

MUITO FÁCIL

O processo de inoculação é muito simples e qualquer produtor pode executá-lo, basta apenas observar alguns cuidados, para que os resultados sejam satisfatórios. As sementes devem ser umedecidas parelhas, com água pura ou então com um preparado de água açucarada com leite desnatado, e com uma solução de goma arábica a 20 por cento. Mistura-se o inoculante às sementes de maneira que todas fiquem cobertas por uma capa escura. É um trabalho que deve ser feito à sombra, sobre uma lona ou piso de cimento. Deixar secar à sombra e logo em seguida fazer o plantio. Caso não possa fazer o plantio no mesmo dia da inoculação, o produtor deverá reinocular as sementes. Este é o tipo de inoculação mais usado para sementes graúdas, como a da soja e do tremoço.

As quantias de inoculantes aplicadas nos diferentes tipos de sementes podem ser comparadas nas tabelas 2 e 3. A quantidade de água ou solução adesiva indicada para as sementes graúdas ficam em 250 centímetros cúbicos para cada saco de semente. Ou melhor: é a mesma quantidade que cabe dentro de uma garrafa de refrigerante médio.

Sementes miúdas, como a da alfafa, por exemplo, os técnicos recomendam a “peletização”, um processo que consiste no revestimento da semente com uma capa protetora de carbono de cálcio ou fosfato de rocha bem moída.

SOCIEDADE PROTETORA DA SOJA

Lexone L + Trifluralina,
a defesa contra
as ervas daninhas.



Os sojicultores não arriscam. Eles usam LEXONE L + Trifluralina para uma defesa segura e econômica contra as ervas daninhas.

A Du Pont está bem acompanhada ao recomendar LEXONE L + Trifluralina. Os sojicultores, em muitos estados brasileiros, são da mesma opinião.

Porque com LEXONE L + Trifluralina os sojicultores não têm que aguardar condições climáticas adequadas e estágio de crescimento das ervas para então proteger sua plantação. Nesta safra use herbicida pré-emergente antes que seja tarde demais.

Conte com a proteção pré-emergente de LEXONE L + Trifluralina

* Marca registrada E.I. Du Pont de Nemours & Co. Inc.

durante o plantio. O uso dessa combinação vitoriosa no estágio inicial evita que as ervas concorram com sua soja e libera o maquinário para tarefas mais produtivas.

• MAIS CONTROLE. • MAIS ECONOMIA. • MAIS LUCROS. LEXONE L + Trifluralina, positivamente a SOCIEDADE PROTETORA DA SOJA.

DU PONT
MARCA REGISTRADA
AGROQUÍMICOS

Os cuidados essenciais

● Evite a exposição direta dos inoculantes e mesmo das sementes inoculadas aos raios de sol. Os raios solares matam as bactérias, prejudicando os benefícios da inoculação.

● O inoculante deve ser transportado acondicionado em caixas de material isolante, nunca deixando-o exposto à radiação solar.

● A conservação ideal do inoculante é a 4 graus centígrados, sendo satisfatório até 15 graus centígrados, sempre levando em conta o período de validade do produto. Na propriedade ele pode ser guardado na geladeira (nunca abaixo de zero grau centígrado), ou então, em caixas de material isolante, em lugar sombrio e fresco.

● Não semeie leguminosas inoculadas em solos secos e com sol forte. O rizóbio dificilmente so-

breviverá nestas condições. Sempre que a umidade do solo não for a ideal, prefira a peletização da semente à inoculação simples.

● Para obter melhores resultados com a inoculação, deve-se corrigir a acidez e melhorar a fertilidade do solo.

● Evite o contato direto das sementes inoculadas com os fertilizantes, que poderão queimar as bactérias e a própria semente.

● Observe o período de validade do inoculante, impresso ou carimbo na embalagem. Não use inoculante vencido. De um modo geral, o período de validade é de seis meses, a partir da data de fabricação.

● Ao receber o inoculante, confira a sua especificidade. Utilize sempre inoculantes específicos para a espécie de leguminosa

que vai plantar. Evite o uso daqueles recomendados para um "grupo de plantas".

● No plantio de áreas novas, ainda não cultivadas, é aconselhável dobrar a quantidade de inoculante usualmente recomendada. Isso garantirá uma melhor nodulação. Adote o mesmo sistema em áreas ricas em nitrogênio, pois este tende a inibir a nodulação.

● Para as espécies de clima temperado (trevos, alfafas, cornichão), utilize sempre o carbonato de cálcio para a peletização. Acontece que os rizóbios específicos para estas espécies são muito sensíveis à acidez do solo. Para espécies tropicais (citrato, desmódio), prefira o fosfato de rocha. Os rizóbios são mais tolerantes à acidez e a simbiose é beneficiada.

● As sementes inoculadas pelo processo sim-



O inoculante deve ser preparado em lugar com sombra

ples, devem ser semeadas no mesmo dia. Se não for possível, a semente deverá ser inoculada outra vez no dia da semeadura. As sementes peletizadas devem esperar de 12 a 14 horas para serem semeadas, a fim de permitir que o "pellet" seque e fique bem firme. Recomenda-se no entanto, não esperar mais do que dois ou três dias para semear.

● Culturas de leguminosas mal noduladas podem ser reconhecidas pela cor levemente amarelada das folhas. Quando as folhas de baixo da planta (mais velhas) começam a

amarelar por primeiro é porque a planta está com deficiência de nitrogênio. Se o amarelecimento começar a partir das folhas mais jovens, é porque está faltando enxofre na planta.

● Quando uma cultura perene, como a alfafa, por exemplo, apresentar problemas, com o aparecimento de plantas bem noduladas e outras não, convém mantê-la com leves adubações nitrogenadas, esperando que as demais plantas sejam infectadas e nodulem. Não convém repetir estas adubações por muito tempo.

TABELA 1 - NITROGÊNIO FIXADO POR LEGUMINOSAS PARA GRÃOS E EM PASTAGENS

SEMENTES	QUANTIDADE DE NITROGÊNIO
Alfafa	126-332 Kg/ha/ano
Trevo Vermelho	84-191 Kg/ha/ano
Ervilha	80-147 Kg/ha/ano
Ervilhaca	88-166 Kg/ha/ano
Soja	63-131 Kg/ha/ano
Feijão Miúdo	63-131 Kg/ha/ano

TABELA 2 - INOCULAÇÃO SIMPLES

Espécies	Inoculante	Solução Adesiva	Sementes
Sementes grúdas (soja e tremoço)	200/g	Uma garrafa de refrigerante de água	60 Kg

TABELA 3 - PELETIZAÇÃO

Espécies	Inoculante	Solução Adesiva	Sementes	Fosfato de Rocha ou Carbonato de Cálcio
Sementes médias (sitrato, trevo subterrâneo)	200 g	2 litros	25-30 Kg	10 Kg
Semente miúdas (alfafa, cornichão, trevo vermelho)	200 g	3 litros	20-25 Kg	14 Kg
Sementes muito finas (trevo branco)	200 g	4 litros	20 Kg	16 Kg

A aplicação de defensivos agrícolas exige técnica e cuidados especiais. Observe as recomendações dos agrônomos e técnicos agrícolas antes de fazer qualquer aplicação na sua lavoura

Jornal da soja

Nota do Editor

COTAÇÃO INSTÁVEL

A cotação internacional da soja não apresenta preços estáveis para o agricultor, obrigando-o a racionalizar os custos de sua lavoura.

Uma forma efetiva de reduzir custos é melhorar a tecnologia no uso de herbicidas.

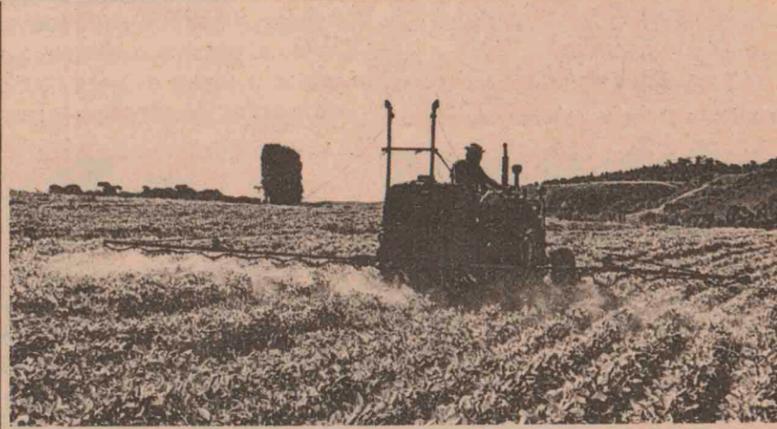
No combate das folhas estreitas e folhas largas, o sistema mais econômico é a aplicação de trifluralinas no plantio e depois Basagran em pós-emergência.

APLICAÇÃO LOCALIZADA

A maior vantagem do Basagran é a sua aplicação localizada. Na maioria das vezes a infestação ocorre em forma de manchas distribuídas em distintas partes da lavoura.

Aplicar em toda a área significa um consumo desnecessário de herbicida.

Basagran é aplicado só onde aparecem as invasoras, obtendo-se uma substancial economia de insumo.



Solução segura e eficiente

Basagran é a melhor solução, pois seu resultado é mais eficiente do que o apresentado pelos pré-emergentes e totalmente seguro para a soja.

CUSTOS OPERACIONAIS

O custo operacional aparentemente maior, devido à prática de aplicar separadamente Trifluralina e Basagran, é plenamente compensado pelo menor uso de herbicida, pois se aplica Basagran somente nas áreas infestadas.

Outros usos

Além do uso na soja Basagran também é utilizado para controlar folhas largas em feijão, trigo, milho, arroz e amendoim.

Basagran



O herbicida da certeza

MASTITE, ESSA DOENÇA QUE NOS TIRA O SOSSEGO

Responsável por mais ou menos 30 por cento das doenças diagnosticadas em gado bovino, a mastite tem trazido sérios problemas financeiros aos produtores por causa do comprometimento da produção leiteira e do alto custo do tratamento da doença. É justamente nesta época do ano, quando a temperatura começa a se elevar, propiciando condições favoráveis ao desenvolvimento dos germes causadores da doença, que ocorre a maior incidência da mastite no gado de leite.

A mastite, uma inflamação das glândulas mamárias e que apresenta por sintoma o inchame do úbere da vaca, é causada por diversos tipos de germes que se difundem na natu-

reza, "principalmente em ambientes úmidos, sujos, de pouca ventilação e sem incidência direta dos raios de sol", explica o veterinário do Departamento Técnico da Cotrijuí, Paulo Garcez.

O Paulo Garcez e mais o Ronaldo de Oliveira, que também é veterinário da Cooperativa, e que volta e meia andam lidando com a doença, são categóricos ao afirmarem que na maioria dos casos a vaca adquire a mastite no galpão da ordenha, "por descuido do próprio produtor, que muitas vezes costuma ordenhar a vaca no meio de estercos, moscas e urina". Restos de sujeira nos pêlos e úbere, ordenhador de mãos e unhas sujas, uso de toalhas contaminadas, limpeza mal feita das teteiras (no caso da ordenha mecânica), levam ao aparecimento da mastite num tempo bem curto.

A ORDENHA CERTA

"O excesso de pressão da ordenhadeira ou o excesso de ordenha", alerta o Paulo Garcez, "pode provocar lesões internas no úbere e, como consequência, favorecer o aparecimento da mastite". O conselho do Paulo é de que a vaca seja ordenhada num tempo máximo de quatro minutos, "pois mais tempo do que isso é prejudicial ao animal". Outro cuidado, que segundo os veterinários precisa ser levado em conta para evitar a doença, é a retirada imediata das teteiras, tão logo a vaca tenha sido ordenhada. "Todos os tetos", diz o Ronaldo de Oliveira, "devem ser esgotados até o fim, para evitar a permanência do "leite residual", que facilita a multiplicação dos germes que penetram no úbere através do canal dos tetos. O uso do terneiro ao pé da vaca, tem sido, até agora, segundo os veterinários, a prática de esgotamento mais eficiente. "Nem a ordenha manual e nem a mecânica são capazes de esgotar o úbere da vaca com a mesma eficiência do terneiro". Se o produ-

tor não quiser utilizar o terneiro para fazer o "apoio", ele deverá fazer o repasse, que é uma pequena ordenha manual. "Tem-se observado", conta o Ronaldo, "que vacas que são mamadas pelos terneiros, têm apresentado menor incidência de mastite do que as ordenhadas manual ou mecanicamente".

ÚBERE INCHADO

A mastite começa com um inchaço no úbere, parecendo uma "mordida de cobra", como muito produtor pensa, seguido do aparecimento do pús e sangue misturado ao leite, até a diminuição da produção. Outras vezes, por estar em fase inicial, a doença não apresenta nenhum sintoma visível. "Nestes casos, quando a doença não se manifesta às claras, mas o produtor desconfia que a vaca tem mastite", diz o Ronaldo, "é só fazer um pequeno teste, bem prático, mas de resultado eficiente". A experiência é feita numa caneca de fundo escuro, onde o produtor coleta os primeiros jatos de leite. Se o leite começar a formar coágulos (pequenas bolinhas) no fundo do copo, é porque a vaca já está doente. Outro teste, também bem simples, é o da "califórnia mastite teste", um produto reativante, que se misturado ao leite recém tirado (dois milímetros de leite por dois do reativante) pode acusar a doença. "Se no fim de alguns minutos", explica o Paulo, "a mistura se tornar gelatinosa, o produtor pode providenciar no tratamento da vaca enquanto é cedo".

A recomendação dos veterinários é de que os produtores façam estes testes pelo menos uma vez por semana, "mesmo que não desconfiem de nada". É uma prevenção e a oportunidade de atacar a doença em tempo.

MELHOR EVITAR

Sempre será melhor evitar a doença, recomendam os veterinários do que ter de conviver com ela, mesmo que seja só por algum tempo. "Se o produtor for caprichoso, ele diminui em muito a incidência da doença no rebanho". As medidas de prevenção recomendadas pelos veterinários começam pela higiene do galpão ou da sala de ordenha, "que deve ter muita água para facilitar a limpeza". Galinhas, porcos ou outros animais não precisam entrar no galpão de ordenha, nem mesmo durante a noite ou em dias de chuva. Todos os dias, sempre depois da ordenha, a sala deve ser muito bem lavada, e de tempos em tempos o produtor pode usar um desinfetante, que tanto pode ser a soda, misturada à água, na proporção de três por cento, ou até mesmo a cal para revestir as paredes.

Como praticamente 90 por cento dos casos de mastite são passados de uma vaca para a outra, a recomendação do Ronaldo é muito cuidado e higiene no manejo da ordenhadeira e outros equipamentos. Ele alerta: "baldes, panos, mãos e teteiras, devem estar muito limpos". Antes da ordenha, o úbere deve ser muito bem lavado com água e desinfetante e seco com uma toalha separada para cada vaca ou de papel "É preferível nem secar os tetos da vacas, se for para usar uma toalha suja, que já andou secando uma outra vaca", recomenda o Ronaldo. Os primeiros jatos de leite, que quase nunca são aproveitados, não devem ser jogados no piso do estábulo, que é para não criar condições favoráveis para o desenvolvimento dos germes. No fim da ordenha de cada vaca (ordenha manual) o ordenhador deve lavar as mãos, que é para não levar germes para outros animal. Quando for usada a ordenhadeira mecânica, deve se jogar um jato de água dentro de cada teteira durante alguns minutos, antes de colocar o aparelho numa outra vaca. As novilhas de primeira cria (no caso da ordenha manual) devem ser ordenhadas antes das demais, "que é para evitar a transmissão de doença de outras vacas que já tiveram ou que tem a doença".

NUM PIQUETE

No momento em que a vaca atinge os sete meses de prenhez, ela deve ser secada, "para um descanso da lactação e formação do colostro", recomenda o Paulo Garcez. A "secagem" da vaca deve ser muito bem feita, pois sempre depois da última ordenha, há a formação de pequenas quantidades de leite no úbere. Esse leite pode facilitar a contaminação da vaca.

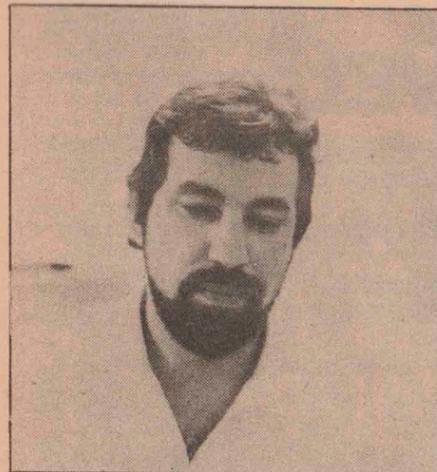
O produtor tem condições de "secar" a vaca bem depressa, colocando-a por uns três dias num piquete raspado, "reduzindo pela metade o consumo diário de água. Nesse tempo de confinamento, servir de alimento apenas pequenas quantidades de ração. Como prevenção, colocar nos tetos da vaca um antibiótico.

UMA LUTA DE SEMPRE

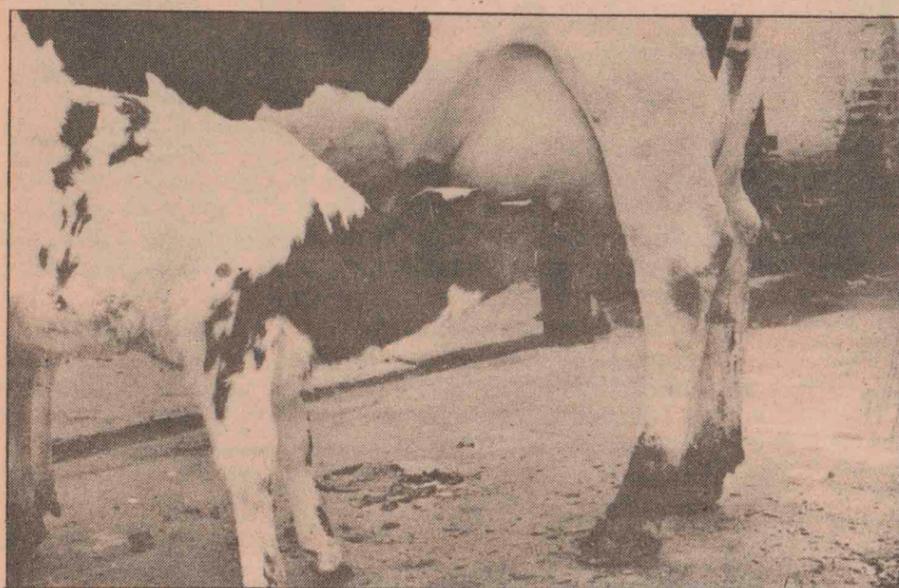
"A nossa luta", diz o Ronaldo, "tem sido no sentido de diminuir a incidência de mastite no gado leiteiro, mas o produtor deve ficar ciente de que um jeito ou outro, ele tem de conviver com a doença". Com tratamento adequado, medidas preventivas e muita higiene, a mastite pode deixar de tirar o sossego do produtor. "Muito do que precisa ser feito para diminuir a mastite está no próprio produtor, no manejo do animal, nos cuidados de higiene durante a ordenha".



Paulo Garcez: a higiene é essencial



Ronaldo de Oliveira: aprender a conviver



Para esgotar os tetos, o melhor é deixar o terneiro mamar



OS IMPASSES DA AGRICULTURA

A crise que atinge hoje os agricultores pode ser apenas o início de um processo que, se não for interrompido a tempo, provocará profundas mudanças no setor primário, e em especial nas zonas do minifúndio da soja e do trigo. Esta previsão foi feita pela grande maioria dos palestrantes e debatedores do 1º Encontro sobre Agricultura e Desenvolvimento, realizado de 13 a 17 de setembro em Ijuí. Os debates giraram muito em torno desta crise da agricultura, e não tocaram quase nada em desenvolvimento, como sugeria o nome do encontro. E nada do que foi dito é simples adivinhação, como ressaltou o economista Francisco Carrion Júnior: "Eu lido com dados concretos. Sou um realista".

Seria mesmo muito difícil que todos os que previram mudanças para pior estivessem apenas fazendo adivinhações, pois eles concordaram em quase tudo. E as tais de profundas mudanças não virão, é claro, para beneficiar os agricultores. Os pequenos e médios proprietários, mais atingidos pelo que aconteceu até agora, serão também os que sofrerão os piores prejuízos pelo que está por vir. A situação, que já é danada de ruim, se encaminha para um novo período tão difícil que só poderá ser evitado, segundo os palestrantes, se o próprio agricultor for informado do que pode ocorrer.

MODELO

O encontro, promovido pela Associação dos Engenheiros Agrônomos de Ijuí - Apaju, foi realizado no auditório do Colégio Evangélico Augusto Pestana, e trouxe a Ijuí muita gente que vem questionando o atual estágio da agricultura, em função de distorções que caracterizam não só a política para o setor primário, mas todo o modelo econômico brasileiro. Participaram

dos debates, no primeiro dia, o secretário da Agricultura do Estado, José Alfredo Marques da Rocha, e o presidente da Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul, Floriano Barbosa Isolan.

Os outros painéis tiveram como palestrantes o professor de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Luiz Carlos Pinheiro Machado; o economista Francisco Carrion Júnior, professor na mesma Universidade; o agrônomo Luiz Ângelo Giacobbo, supervisor de Análise do BRDE (Banco Regional de Desenvolvimento Econômico do Extremo Sul); e o presidente da Fecotrigo, Jarbas Pires Machado. O diretor de Crédito Rural do Banco Central, José Kleber Leite de Castro, foi convidado mas não compareceu e tampouco enviou representante.

E A SAÍDA?

Poucas pessoas, numa média de 100 a 150, acompanharam as cinco noites de debates, e a maioria do público era formada por agrônomos, técnicos, estudantes e funcionários de cooperativas. A análise da situação da agricultura não foi, contudo, nada técnica, pois os comentários enveredaram para o lado econômico e desaguaram nos aspectos políticos dos impasses e soluções para o setor primário.

Foi assim que os painelistas, debatedores e o público chegaram à conclusão de que o subsídio ao crédito vai cair; que o produtor e as cooperativas estão cada vez mais descapitalizados; que a concentração da terra e da renda pode aumentar; e que o modelo agrícola brasileiro está cada vez mais dependente de toda uma estrutura internacional, puxada principalmente pela área financeira. O quadro geral é desalentador, mas as alternativas

de saída foram apresentadas. As divergências, aliás, talvez aconteçam exatamente aí, nas formas capazes de alterar esta situação.

Houve concordância, durante os debates, num ponto que todos consideraram fundamental: apenas uma pequena mexida no modelo, com algumas mudanças superficiais, não irá desacelerar esta crise. E não há nada que conduza a um melhor entendimento de toda a história deste modelo, se a interpretação de tudo o que ocorreu até agora não for feita a partir de uma análise que leve em conta as implicações políticas das pequenas e grandes decisões.

ESTRATÉGIA

"Não existe a possibilidade de mudanças na política agrícola, sem que se altere profundamente também o modelo econômico brasileiro", chegou a dizer o presidente da Fecotrigo, para quem a hora é de se parar para pensar, pelo menos, numa estratégia de emergência. Segundo Jarbas Pires Machado, tudo poderia ser iniciado com o fortalecimento das cooperativas como algo capaz de manter os produtores unidos, "resistindo e subsistindo". Isso seria possível com a descentralização das deliberações (as bases sugerindo medidas), com a centralização da execução destas decisões, e com a criação de mecanismos que façam com que o produtor confie mais no sistema cooperativista.

Mas nada disso é tão fácil, pois os produtores precisam, como disse Machado, "participar do jogo político", ou seja, ter força que lhes assegure influir nas decisões dentro de toda a economia. Se isso não ocorrer, o agricultor e as cooperativas irão definhando, pois este seria um momento decisivo para que fique bem medida a força econômica e política não só das cooperativas,

mas das empresas nacionais, das multinacionais e de todos os grupos vinculados ao grande capital.

MATANÇA

Sem expressão como classe organizada, os produtores não poderão nem mesmo entender e tentar impedir o avanço dos grupos estrangeiros nas áreas em que as cooperativas atuam ou pretendem atuar. Foi o economista Francisco Carrion Júnior quem fez esta advertência, lembrando que a gula das multinacionais poderá fazer com que o cooperativismo recue do setor industrial, e fique disputando espaços de atuação com as empresas nacionais, apenas na área do comércio.

Assim é que pode ocorrer, como diz Carrion Júnior, "uma matança entre os que poderiam ser aliados" (as empresas brasileiras e as cooperativas), contra os interesses do grande capital. Luiz Ângelo Giacobbo, do BRDE; Floriano Isolan, da Sociedade de Agronomia; o próprio presidente da Fecotrigo; e o professor Pinheiro Machado repetiram, de outras formas, todas estas previsões.

No final do encontro, o presidente da Apaju, Paulo Roberto Silva, reforçou o que já havia sido dito e assumiu um compromisso. Segundo ele, os agrônomos, que até agora pouco se dispuseram a questionar mais a fundo a crise da agricultura, estimularão e participarão deste debate que se inicia, "para que a produção primária não seja vista apenas por aspectos técnicos e econômicos, mas também como uma questão política que tem reflexos sociais como qualquer outra atividade". Paulo Roberto, que ordenou o encontro em Ijuí, promete também a distribuição de um documento da Apaju com as conclusões dos debates e a posição dos agrônomos.

Crédito subsidiado: uma falsa idéia de benefício

Quem vinha apostando em melhorias no crédito rural, em função da diferenciação dos juros para pequenos, médios e grandes produtores, implantada em 1980, e da desburocratização que surgiu este ano, vai se frustrar. A diferenciação, tão reivindicada pelos pequenos agricultores, vai cair, junto com a tal de desburocratização. Na verdade, cairá o próprio crédito subsidiado, que vinha permitindo a liberação de financiamentos com juros mais baixos à agricultura há vários anos.

E por que o subsídio ao crédito vai deixar de existir? Segundo o secretário da Agricultura, José Alfredo Marques da Rocha, "o assunto é polêmico", porque permite muitas interpretações, mas o certo é que o juro baixo será coisa do passado, dentro de pouco tempo. Ele admitiu, durante sua palestra em Ijuí, que este crédito "provocou muitas distorções", mas não chegou a dizer porque, afinal, o juro baixo será deixado de lado.

PARANÓIA

Seria por que, conforme alguns setores da área econômica, o subsídio é inflacionário? Floriano Isolan, da Sociedade de Agronomia, não aceita este tipo de argumento, e diz que "a nova paranóia (loucura) é dizer que o agricultor pode produzir a juros de mercado". Afinal, como lembrou Isolan, apenas 19 por cento dos subsídios concedidos pelo governo, nos últimos anos, foram dirigidos à agricultura. Os outros 81 por cento foram destinados à indústria, ao comércio e outras áreas. Destes, a grande maioria, 53 por cento, cobriu os prejuízos das empresas estatais, que pertencem ao governo.

Para Luiz Giacobbo, do BRDE, esta mudança não esconde muitos mistérios, e apenas faz parte de transformações planejadas. Giacobbo, que ressaltou estar falando em seu nome, e não como representante do BRDE, acha que com o fim do subsídio a agricultura chega a uma nova etapa, principalmente nos minifúndios. Acontece que depois de toda a modernização puxada pelo próprio crédito, que facilitou a compra de máquinas e introduziu os insumos modernos na lavoura, as pequenas propriedades seriam agora lembradas, ou seja, começaria a surgir o latifúndio nas zonas da soja e do trigo.

O fim do subsídio aniquila a pequena propriedade, que não tem como sobreviver, e abre caminho, segundo Giacobbo, para a entrada

dos grandes grupos nestas regiões, onde a terra seria explorada por empresas estrangeiras na forma de agroindústrias. Neste caso — como lembrou o agrônomo — o fim do juro baixo apenas iria acelerar a concentração da terra, que o próprio subsídio ajudou a acontecer, favorecendo sempre mais quem detinha o maior capital.

CONCENTRAÇÃO

A concentração da terra e da renda realmente vem aumentando, segundo o economista Carrion Júnior, e o subsídio ajuda nisso. Em 1970, os 5 por cento mais ricos proprietários rurais do Brasil detinham 24 por cento da renda no setor primário. Em 1980, eles aumentaram esta participação no bolo de recursos gerados pela agricultura para 44 por cento. Também a faixa de produtores que ficavam entre o 1 por cento mais rico em 1970 detinha 10 por cento da renda, e em 1980 pulou para 29 por cento. É claro que os mais pobres ficaram em situação inversa.

A verdade, segundo Carrion Júnior, é que o subsídio sempre foi usado para favorecer o capital, criando para os produtores uma falsa idéia de benefício. Foi assim que, ano a ano, diante do argumento de que o crédito era subsidiado, o agricultor foi ficando com preços mínimos ainda mais baixos para sua produção. Com um preço justo para o produto, não haveria necessidade de tanto subsídio. Mas como conseguir preços compensadores ao produtor, se o baixo poder aquisitivo da população achata estes preços?

Este é um impasse que poderia ser contornado com o produto subsidiado ao consumidor de baixa renda, mais ou menos como aconteceu durante muito tempo com o trigo, segundo o economista. Mas, se faltam recursos — segundo o governo — para subsidiar diretamente o produtor, haverá dinheiro que possa baixar os preços ao consumidor? Um dos debatedores, o professor Argemiro Luís Brum, da Fidene, acha que este dinheiro realmente não existe pelo menos para que se atenda esta necessidade, de acordo com as prioridades oficiais. É que a crise mundial força a uma recessão e deixa o mínimo de recursos em circulação.

"FEIÇÕES"

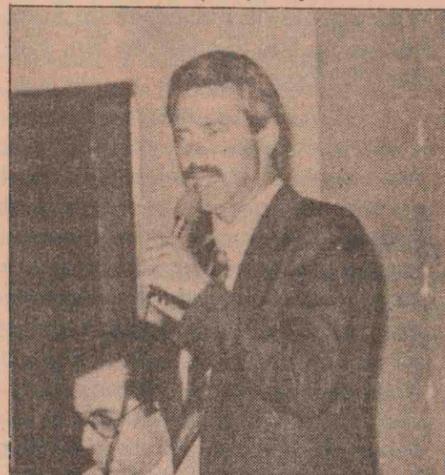
Só que não há exemplo no mundo de uma agricultura que exista sem subsídio. Esta observação foi feita pelo presidente da Fecotriga, para



Francisco Carrion:
subsídio favorece o capital



Luiz Giacobbo:
transformações planejadas



Floriano Isolan: subsídio
não é inflacionário

quem basta apenas "saber utilizar este subsídio beneficiando produtor e consumidor". O certo contudo é que a agricultura brasileira vem sendo a mais subsidiada de todas, e hoje já se chegou à conclusão de que seria mais barato comprar de outros países tudo o que se produz aqui, segundo Jarbas Pires Machado.

Qual seria, então, a função deste subsídio, que na verdade não privilegia os agricultores? As respostas a esta pergunta foram muitas, mas palestrantes e debatedores não discordaram quando se concluiu que com ou sem crédito subsidiado os resultados são os mesmos: concentração da renda, inviabilidade da pequena propriedade, migração e marginalização dos "mais fracos". A diferença é apenas esta: com subsídio, tudo isso acontece de forma mais lenta. Tanto num como no outro caso, o modelo de acumulação de capital continua o mesmo em sua estrutura, e muda apenas "suas feições", como disse Luiz Ângelo Giacobbo.

É h

O enfraquecimento da força econômica e política das cooperativas é uma ameaça bem concreta e pode acontecer em dois níveis, se for mantida esta tendência de aniquilamento do setor primário. Isto já está ocorrendo, com a descapitalização do produtor, pois assim também as cooperativas ficam descapitalizadas. Para completar, sem condições de crescer, as cooperativas teriam também que recuar, cedendo espaços na área industrial aos "mais fortes", que são, é claro, os grupos estrangeiros.

O presidente da Fecotriga, Jarbas Pires Machado, entende que o momento é de se tentar avaliar com profundidade esta perspectiva desfavorável, levando-se em consideração o fato de que as limitações de recursos para o setor, com o fim do crédito subsidiado, atingem produtor e cooperativa. "Nunca se teve tão pouco dinheiro para produzir, e nunca quem financiou o setor ganhou tanto dinheiro", disse ele, citando como prova os lucros dos chamados órgãos financeiros.



Jarbas Machado: estratégia de resistência

Respeito ao ho

Se fosse dado ao porco confinado o direito de olhar para o céu, seu rendimento poderia aumentar em até oito por cento. Esta descoberta, que tem base científica, foi apresentada pelo professor Luiz Carlos Pinheiro Machado, para ilustrar exemplos de coisas que ele considera absurdas, e que foram introduzidas no setor primário sob o argumento de que eram "modernizadoras". Estas saídas ditas modernas, que criaram toda a dependência em que se encontra hoje a produção, ao contrário, atrasaram o produtor, comprometeram o solo e toda a natureza e fizeram com que a população consuma alimentos de baixa qualidade.

Pinheiro Machado falou sobre a agricultura biológica, que a princípio deixaria de lado praticamente todos os produtos químicos altamente tóxicos, e utilizaria quase só matérias orgânicas, para que, iniciando pela recuperação do solo, a lavoura seguisse outro rumo. Mas é claro que essa alternativa não propõe apenas

de reciclar o cooperativismo

"REIS E REINADOS"

Machado entende que só com a unidade do sistema cooperativo, que precisa se reciclar e se reagrupar, é que se poderá formar uma estratégia de resistência. "É preciso racionalizar serviços (reduzir custos) e redistribuir tarefas", disse o presidente da Fecotrigo, enfatizando que o quadro social das cooperativas precisa ser mais ativo. A unificação do sistema terminaria, segundo ele, com "os reis e reinados", e seria a única alternativa para que a resistência, diante do enriquecimento do setor, amenizasse as consequências desta crise.

Mas Jarbas Machado deixou claro que ninguém deve esperar que todo este impasse seja contornado pela força que as cooperativas não têm. "Precisamos repensar o modelo agrícola, mas como conseguir isso sem repensar o modelo econômico como um todo e a dependência da economia brasileira atrelada à conjuntura internacional?" — perguntou ele. O presidente da Fecotrigo destacou que não há também como encontrar solu-

ções com retoques neste modelo, que não se altera em sua estrutura. "É preciso alterar a essência política que norteia este processo, e será pela participação política que haverá a superação dessas dificuldades".

BANCO PRÓPRIO

E por quanto tempo os produtores e as cooperativas poderão resistir? Para o economista Carrion Júnior, fica difícil de se fazer previsões, pois o modelo agrícola não pode mesmo ser entendido como uma fatia diferente do bolo todo do modelo econômico brasileiro. Ele acha que a saída, para que as cooperativas não retrocedam, está na entrada do sistema na área financeira, através da criação de uma rede de cooperativas de crédito. Afinal, esta área tem hoje a hegemonia da economia nacional. Sem seu banco próprio, o cooperativismo será obrigado a recuar, mas Carrion não vê como o sistema poderá entrar na área financeira.

Acontece que este setor é, segundo ele, mantido por um "oligopólio" e está atrelado à estrutura financeira internacional. E o grande capital não permitiria este avanço, quando, na verdade, o que os fortes grupos querem é um recuo das cooperativas. Segundo Adelar Baggio, presidente da Fidene, que participou dos debates, o cooperativismo foi "agressivo demais", ocupando espaços e ferindo interesses. Agora, ele teria que "abrir mão de uma série de vantagens", e para forçar isso existe a dívida das cooperativas. A respeito desta dívida, aliás, o presidente da Fecotrigo disse inclusive que preferia trocá-la pelo passivo administrado pelo Estado.

A ameaça maior representada por tudo isso é a "desnacionalização" das cooperativas, ou seja, a en-

trada dos grupos estrangeiros nas áreas da economia hoje ocupadas pelo sistema. No jogo de forças, as multinacionais avançariam, com o respaldo inclusive de uma aliança que pode envolver até as médias empresas brasileiras, segundo Carrion. Outro risco, levantado pelo presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, Carlos Karlinski, é a desnacionalização através da transformação das cooperativas em sociedades anônimas, com capital aberto.

UMA "LIMPEZA"

As "cooperativas S/A" seriam simples empresas, onde o capital apareceria em primeiro lugar. Em 1979, houve uma tentativa, transformada até em projeto de lei, que abriria este precedente, e depois o assunto foi deixado de lado. Este risco é maior para os pequenos produtores, que representam hoje 80 por cento dos quadros das cooperativas gaúchas. A maioria seria, então, engolida pelo peso do capital, na hora de se tomar decisões, e é claro que o cooperativismo caminharia para rumos bem diferentes, e teria enterrado um de seus "princípios básicos", que dá prioridade aos aspectos sociais.

O difícil é saber como o setor primário, isoladamente, pode resistir diante de uma situação que atinge também as tais de atividades urbanas, o comércio, a indústria. O historiador Dinarte Belato, da Fidene, vê nesta crise generalizada a hora de acontecer a "limpeza" na economia. Quem for forte, sobrevive, e os fracos serão "engolidos". O pequeno agricultor, que é no caso "um fraco" seria então afastado do processo de produção. A crise — disse Belato — é apenas o amadurecimento deste modelo, que se encaminha para concentrar ainda mais a terra e a renda.

As sugestões do Secretário

Uma observação feita pelo presidente da Fecotrigo, de que o crescimento do setor primário não pode ser medido apenas pelo volume de grãos, "mas por seus resultados econômicos", dá o que pensar. É que tanto se ouve falar nas tais safras recordes ou super safras, sem que se considere os efeitos disso para o produtor e para a economia em geral. Pois o secretário José Alfredo Marques da Rocha mostrou, com dados, que não só quem produz mas também outras áreas pouco proveito tiraram do tal crescimento da agricultura.

Em 1970, segundo o secretário, a agricultura participava com 26 por cento da renda gerada no Estado; a indústria com 26 por cento; e a área de serviços (o comércio, os bancos, luz, água, rede hoteleira, telefone, etc) com 52 por cento. Em 1980, a participação da agricultura na renda do Estado caiu para 10 por cento; a indústria aumentou sua participação para 38 por cento; e os serviços continuaram com 52 por cento.

CENTRALIZADO

Apesar do crescimento registrado em algumas áreas, o certo é que o Rio Grande do Sul pouco ganhou com o modelo agrícola que alguns denominam de "exportador", e que outros palestrantes preferiram chamar apenas de "concentrador". O certo, como admitiu o secretário da Agricultura, é que o Estado pouco pode fazer para que essa situação seja diferente, "pois o direcionamento da política para o setor primário está centralizado".

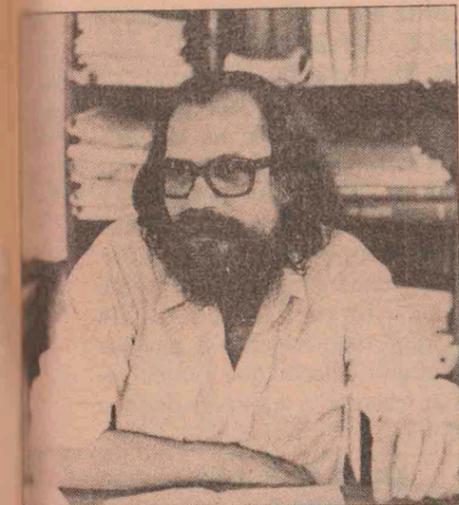
Mesmo assim, alguma coisa pode ser colocada em prática, segundo Marques da Rocha, não com a intenção de alterar este direcionamento, mas para que a agricultura seja mais rentável. Ele defende a implantação de agroindústrias regionais, que aproveitariam matérias-primas como uva, leite, citros; o fortalecimento do mercado interno, com mecanismos que assegurem produtos com preços mais baixos ao consumidor; e a execução de um plano de exportação com vendas antecipadas.

Mas estas sugestões beneficiam somente os produtos perecíveis, os hortifrutigranjeiros. E como ficariam as zonas da soja e do trigo? Marques da Rocha acredita que a integração lavoura-pecuária tende a se consolidar, mas admite que as regiões de minifúndio enfrentam o sério problema do fracionamento das propriedades.

"MILAGROSA"

A subdivisão das propriedades tem sido também o início do processo de re-aglutinação das terras, que ocorre depois do fracionamento, e assim vai se consolidando a tendência do surgimento do latifúndio nestas regiões onde as pequenas propriedades são inviáveis. O secretário não acredita numa "reforma agrária milagrosa" para resolver este impasse, "que vem sendo criado há uns 100 anos".

Marques da Rocha aposta numa saída que está fora do Rio Grande do Sul, ou seja, a expansão da fronteira agrícola, para que os gaúchos continuem contribuindo, segundo ele, para o êxito de novas colonizações. Há inclusive um convênio em estudos, com o governo de Roraima, para que pequenos agricultores gaúchos sejam transferidos para aquele Estado. Para os que ficam, o secretário defende, entre outras medidas, um estímulo à "tecnologia nativa", que substitua técnicas caras e importadas. Para ele, "a busca de novas alternativas, na área da pesquisa, é um desafio que se impõe hoje".



Dinarte Belato: os fracos serão engolidos

m e à natureza

isso. Seria um conjunto de medidas que se integrariam num grande projeto de transformação do sistema de produção, com o objetivo de aproveitar e respeitar tudo o que o meio ambiente oferece.

HARMONIA

A agricultura biológica não estaria, portanto, alicerçada apenas no uso de produtos naturais, que substituem os venenos. Ela representa, segundo o professor de agronomia, uma nova postura, com a utilização de técnicas que foram sendo desprezadas pela modernização. Por isso, não só o preparo da lavoura, mas o manejo dos animais e outras atividades seriam conduzidas "em harmonia com a natureza".

"Com os insumos modernos, e inclusive o adubo subsidiado, que todos nós pagamos para beneficiar o grande capital, foi criado o lucro ilusório para o produtor", lembrou Pinheiro Machado. "Nós precisamos de um sistema de produção que pelo menos reduza o êxodo rural, que per-

mita que o homem viva como homem, que gere, enfim, bem-estar social". A proposta é pretenciosa, mas deve entrar em debate, segundo ele, para que não se diga que ninguém apresenta saídas possíveis para a agricultura.

EXPANSÃO

Pinheiro Machado citou como exemplos da "modernização" não só o uso de adubos químicos, calcário e defensivos, mas também a suinocultura, que levou ao confinamento dos animais; a avicultura de chocadeira, que substituiu o ovo de colônia pelo ovo de granja; o abandono a que foram deixados os vegetais como fonte de alimento. Com uma agricultura biológica, o solo seria recuperado, pela renovação constante da matéria orgânica, não haveria tantas pragas na lavoura, não seriam necessários grandes volumes de produtos químicos para recuperar a fertilidade da terra.

Quem se lembra que as lavouras consorciadas de milho e feijão apresentam altos rendimentos? Alguém sabe que há umas três mil espécies de vegetais que podem servir de alimento, enquanto apenas 30 são utiliza-



Pinheiro Machado: uma nova postura

das? Ou há quem conteste as pesquisas que apontam o ovo de galinha caipira como três a quatro vezes mais nutritivo que o ovo de granja? Pinheiro Machado entende que muitos sabem disso tudo, mas a estrutura do sistema de produção não permite muitas mudanças. "Esta é uma questão política", disse ele, que de qualquer forma se mostrou otimista, prevendo o início da expansão da agricultura biológica para daqui a cinco ou 10 anos.

BRECHA NOS FORMICIDAS PROVOCA UMA POLÊMICA

Os formicidas, aparentemente inofensivos, também estão entrando no debate que envolve os defensivos químicos. Muita gente não sabe, mas eles são elaborados com os mesmos venenos que servem de "princípio ativo" para outros inseticidas líquidos, com a diferença de que dificilmente provocam intoxicações agudas. O decreto 30.787, que o governo do Estado assinou em julho último, proibindo o uso dos clorados, atinge os formicidas, e deixou apenas uma brecha, que já está provocando polêmicas.

Esta brecha é a que permite o uso de formicidas granulados à base de dodecacloro, também um clorado conhecido como Mirex. Abrindo esta exceção, o governo estimulou a continuidade da discussão em torno dos defensivos, a partir das queixas que alguns fabricantes começam a fazer, como é o caso das Indústrias Blitz, de Ijuí. Este grupo mantém três fábricas (duas em Ijuí e uma em Ajuricaba) e está agora sob a ameaça de ter que abandonar o ramo, pois foi atingido pelo decreto.

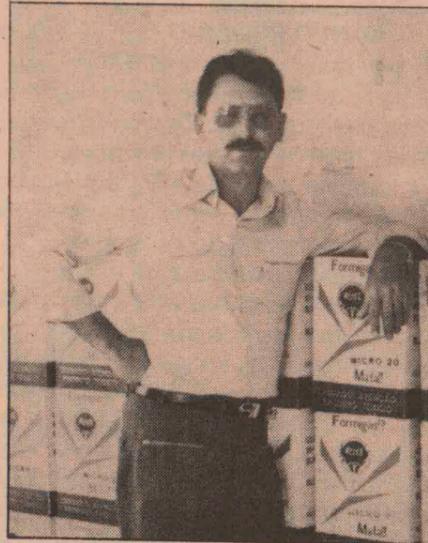
Ao mesmo tempo em que permitiu apenas a utilização dos formicidas à base de Mirex, o governo de-

cidou impedir completamente o uso dos venenos de combate à formiga que têm como agente o hexacloro, conhecido como Aldrin. A Blitz vem fabricando os produtos há 18 anos, e sempre utilizando o Aldrin, que é considerado (veja ao lado) um dos mais nocivos clorados.

SEM DIFERENÇAS

Alarmado com a proibição, o diretor das indústrias Blitz, Elard Dahlke, decidiu fazer um apelo ao governo estadual, encaminhando, no início de setembro, um documento com 11 páginas a Amaral de Souza e aos secretários da Agricultura, da Saúde e Meio Ambiente e da Indústria e Comércio. Neste documento, ele acha estranho que o decreto deixe apenas o Mirex como produto que pode ser utilizado para o combate às formigas, e diz que as diferenças entre um veneno e outro não chegam a justificar a medida.

Apesar de não ser impedido de continuar fabricando os formicidas, pois o decreto apenas impede o uso de produtos à base de Aldrin, o diretor da Blitz está certo de que o decreto deixa "as pequenas indústrias gaúchas à beira da ruína". É



Elard Dahlke: apelo ao Governo

que, com a proibição, os formicidas Blitz passarão a ser desprezados pelos produtores, como aliás já vem ocorrendo desde o início de setembro, com uma redução na demanda. Além disso, há uma lei que obriga o uso de defensivos no Estado sob prescrição do receituário agrônomico.

Segundo Dahlke, recentemente a Blitz teve que cumprir uma série de determinações oficiais, que representaram muitos gastos, inclusive com mudanças nas embalagens. Ele diz que a medida não deu nenhum prazo para que as indústrias que lidam com o Aldrin pudessem se readaptar às novas exigências, e está certo de que a decisão significa "um decreto mortal" para os pequenos fabricantes.

QUEM OBEDECER?

No mesmo documento enviado a Amaral de Souza e aos secretários, a Blitz transcreve notícias, segundo as quais a Agência de Proteção ao Meio Ambiente, dos Estados Unidos, teria proibido o uso do Mirex em 1977. Em 1978 — conforme o documento —, o governo americano teria também liberado a utilização do Aldrin. Para Dahlke, é estranho que no Rio Grande do Sul tenha agora acontecido o contrário, com a condenação do Aldrin e a exceção aberta ao uso do Mirex.

O industrial entende que as contradições entre as leis federais e estaduais fazem com que a situação seja confusa, e indaga: "A quem obedecer?" Ele repete que não quer fazer propaganda dos venenos, e admite que deve haver preocupação com o meio ambiente, mas não acredita que a Blitz e a indústria Landrin, de Carazinho, as duas únicas do Estado a lidarem com o Aldrin, possam sobreviver.

HÁ MONOPÓLIO

Para justificar a ameaça de fechamento, Dahlke faz uma observação que vale até como denúncia,

pois ele não acredita que sua empresa possa simplesmente substituir um veneno pelo outro. "Todas as fontes consultadas até agora dão mostras claras de que o produto (Mirex) é monopólio de alguém", afirma ele. Isso quer dizer que fortes grupos, entre os quais as multinacionais, estariam de donos do mercado, e com isso não teriam muito interesse em fornecer o Mirex às pequenas indústrias.

Dahlke prevê até a transformação dessas pequenas empresas em embaladoras dos formicidas fabricados pelos grupos mais fortes, perdendo assim a condição de indústria. Para que isso não aconteça, ele sugere às autoridades que o Estado adquira o Mirex e repasse o produto às fábricas, para que o Rio Grande do Sul seja autosuficiente na produção de formicidas. Atualmente, a Blitz e a Landrin abastecem a metade do mercado gaúcho.

A Blitz chegou a reduzir, de 2,5 por cento para 1 por cento, a participação do Aldrin na elaboração dos formicidas, e seu diretor faz questão de dizer que desconhece qualquer intoxicação aguda provocada pelo contato direto com o veneno. "Nossos funcionários trabalham inclusive sem camisa, e são submetidos regularmente a exames de abreugrafia, sem que nunca tenham apresentado qualquer doença de pulmão", afirma ele.

SOLUÇÃO JUSTA

Mas o industrial também reconhece que não se pode duvidar dos efeitos que o produto possa causar a longo prazo, pois o Aldrin, assim como todos os clorados, deixa resíduos por muito tempo e se acumula aos poucos no organismo humano. "O problema é que não existe outro produto que não seja clorado para o combate à formiga", afirma Dahlke, dizendo ainda que a Blitz tem feito pesquisas sobre a viabilidade econômica e também técnica de outras alternativas na área dos organofosforados, que podem ser menos eficientes mas não têm o efeito residual dos clorados.

Só que as indústrias não podem esperar pelos resultados deste trabalho, e o que ele pede é uma providência imediata do governo. "Nós estamos clamando por socorro", diz um apelo no final do documento, e este socorro deve ser "urgente e eficaz". Mas como socorrer? Dahlke deixa que o governo encontre uma saída, e comenta apenas, enquanto aguarda uma resposta, uma alternativa que lhe parece justa: proibir ou liberar tanto o Mirex como o Aldrin, sem exceções. Se a liberação não beneficiar o Aldrin, ele acha que a Blitz fecha, desempregando cerca de 40 funcionários.

Esta é a semente do gaúcho

COOPERATIVISMO
a força dos campeões da terra da gente

AGROCERES

AG28

No Sul, os campeões de produtividade plantam as sementes de milho híbrido Agroceres AG 28.

O AG 28 é cria de Carazinho, bem classificado, com peneira mais graúda para facilitar o plantio. AG 28 é a semente do gaúcho que conhece milho!

AGROCERES

Campeão da terra da gente.

Rua Alexandre da Motta, 633 - CEP 99500 - Tel.: (054) 331-2876 - Telex: (054) 2197 SEAG BR - Caixa Postal 17
Carazinho - RS
Rua Goiás, 1229 - CEP 86100 - Tel.: (0432) 22-4257 e 22-4309 - Telex: (0432) 217 AIEI BR - Londrina - PR



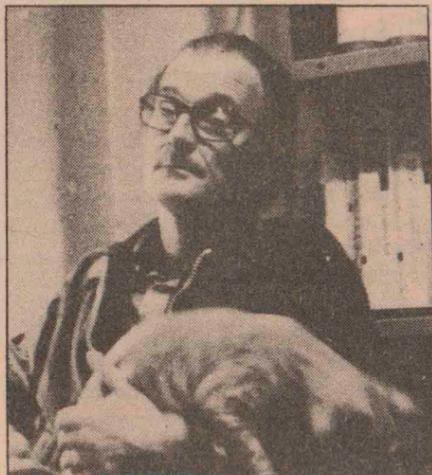
Com a bola no pé, eu sou Pelé. Com Agroceres na plantação, você é o campeão.

Com o Aldrin, o risco de intoxicações crônicas

O Aldrin na forma de granulado para combate às formigas, como é mais usado, dificilmente vai provocar intoxicações agudas a quem manuseá-lo, a não ser que venha a ser ingerido. Mas ninguém deve pensar que este veneno é totalmente inofensivo, simplesmente porque desaparece no fundo dos formigueiros. Em 1979, uma publicação da Fundação de Ciência e Tecnologia - Cientec, da Secretaria da Indústria e Comércio do Rio Grande, não recomendava seu uso como defensivo, com base em pesquisas realizadas.

A principal explicação, para que este veneno figure entre os mais perigosos, está exatamente no fato de que, ao se incorporar ao solo, ele permanece ali por muito tempo. De acordo com a Cientec, o Aldrin pode permanecer numa lavoura por um período que vai de um a seis anos. O produto pode matar abelhas e animais silvestres, e contaminar rios e córregos, provocando a mortandade de peixes quando das enxurradas.

O Aldrin pode provocar também sérios problemas às pessoas, atacando o sistema nervoso central e o aparelho circulatório. Mas não existem ainda estudos científicos que comprovem, por exemplo, algumas denúncias de que ele, como todos os outros clorados, seriam responsáveis por doenças como o cân-

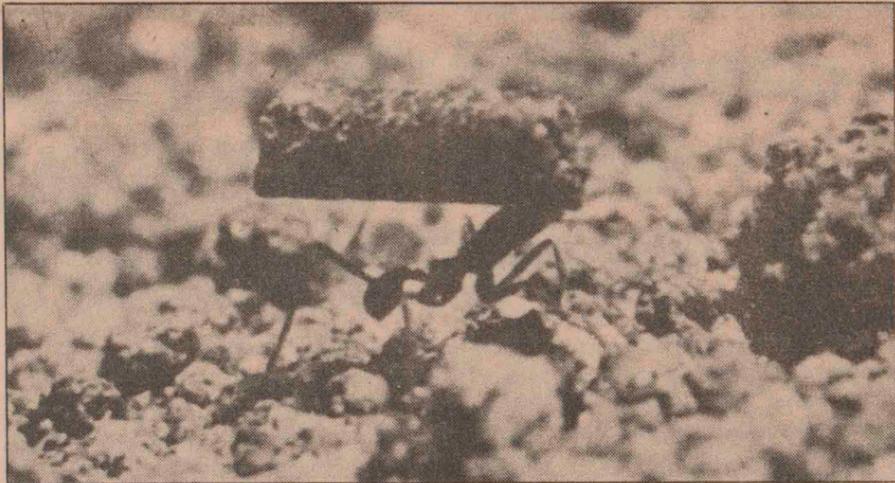


José Lutzemberger: evitar os desvios

cer. O certo é que, se permanece na terra e nos rios, o Aldrin também contamina o meio ambiente e os alimentos. Assim é que ele pode ser ingerido aos poucos pelas pessoas, provocando a mais grave das intoxicações, que é a crônica.

A SUGESTÃO

O agrônomo José Lutzemberger, presidente da Agapan (Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural), e um dos mais combativos defensores da natureza no Brasil, acompanhou os estudos que acabaram determinando a proibição do uso do Aldrin no Rio Grande do Sul. Ele faz parte do GEDA (Grupo Estadual de Defensivos Agrícolas), que analisou o assunto e sugeriu a medida ao governo do Es-



Mesmo no fundo dos formigueiros, existe o perigo de contaminação

tado.

Foi o GEDA quem sugeriu também não só a proibição de uso, mas também de fabricação de todos os clorados, com exceção do Mirex. O grupo entendeu que, por não existir outro substituto para o combate às formigas, este veneno poderia permanecer como exceção. Lutzemberger explica que a decisão foi tomada com base em pelo menos outros dois argumentos: o de que o Aldrin é mais tóxico, e deveria ser proibido, e que este produto pode ser "desviado para a elaboração de outros venenos".

Segundo o presidente da Agapan, proibindo totalmente o Aldrin, que é ainda mais nocivo em forma de pó ou líquido, o governo teria assim eliminado o produto do mercado. Ele admite, contudo, que isso não quer dizer que também o Mirex não seja "um veneno muito perigoso, que também deve ser proibido". Mas isso só vai ser possível quando surgirem formicidas que

substituam este princípio ativo.

PESQUISA

Baseado em conclusões do Ipagro, que é o Instituto de Pesquisas Agronômicas da Secretaria da Agricultura, Lutzemberger diz que o GEDA considerou tudo isso para chegar à sugestão final, abrindo a brecha que permite o uso do Mirex. Ele lembra que a pesquisa deve andar com rapidez, em busca de substitutos para os clorados e de conclusões sobre os efeitos residuais dos defensivos.

Para o agrônomo é preciso inclusive voltar a pensar no uso do brometo de metila, um gás bem menos perigoso que os clorados, e que chegou a ser utilizado anos atrás no combate aos formigueiros. Lutzemberger acredita que as restrições aos venenos considerados altamente tóxicos tendem a aumentar, com a possível interferência da área federal. Aí então as medidas seriam bem mais drásticas, e valeriam para todo o país.

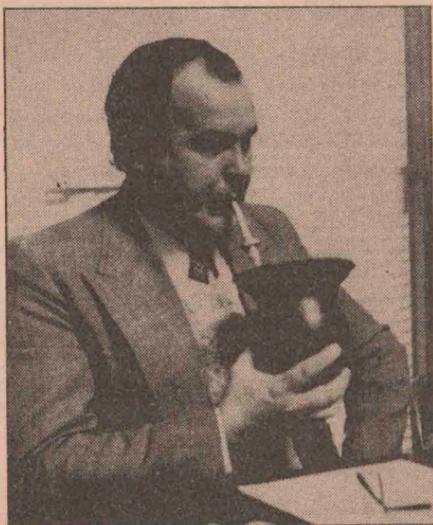
O Mirex, comprovadamente, é cancerígeno. E agora?

Se o Aldrin está com seu uso proibido, e o Mirex continua liberado, a conclusão a que se chega é a de que o segundo se apresenta como o menos tóxico dos dois. Isso, afinal, foi o que o GEDA definiu. Mas a prova de que há muito o que se investigar em torno dos formicidas está na polêmica, que se estabelece em função do desencontro de opiniões sobre qual deles é mais ou menos tóxico. E não só as indústrias, que defendem interesses comerciais, deverão participar deste debate.

O agrônomo Milton Guerra, professor do Centro de Estudos Toxicológicos, da Universidade Federal de Pelotas, está entre os que discordam da sugestão feita pelo GEDA e aceita pelo governo. "Eu recebi com estranheza a proibição do Aldrin, pois esperava que acontecesse o contrário", afirma Guerra. Ele e Lutzemberger sempre ressaltam que não são especialistas em formicidas, mas tanto um como o outro têm informações de sobra para falar do assunto.

CANCERÍGENO

Segundo Milton Guerra, o Mirex, que está proibido nos Estados Unidos, "é comprovadamente um cancerígeno", ou seja, um causador do câncer. O Aldrin, que — segundo



Mário Guerra: esperava o contrário

ele — não tem contra si provas que levem à mesma conclusão, é também muito mais eficiente como formicida. O professor reconhece que não há substitutos para os clorados, por enquanto, e por isso não entende como viável a possível proibição do Mirex e do Aldrin ao mesmo tempo.

Para ele, os dois deveriam continuar no mercado, até que sejam substituídos por venenos menos tóxicos, não só porque assim haveria imparcialidade. Acontece que, em defesa da manutenção dos dois pro-

duto, conta o fato de que o combate às formigas existentes no Rio Grande do Sul só é eficaz com a utilização alternada de formicidas. Com a aplicação continuada de apenas um veneno, os formigueiros tendem a ficar resistentes e, é claro, o extermínio é dificultado.

PROJETO

A pesquisa da Cientec, que levantou dados relacionados ao Aldrin, em 1979, não contém nenhuma informação a respeito do Mirex. Um artigo distribuído pela Stanford University, dos Estados Unidos, e publicado no Brasil pela Universidade de São Paulo, confirma, contudo, as informações de Guerra. Testes em camundongos mostraram que o Mirex causa realmente o câncer. O veneno também mata pássaros e peixes, e permanece nos alimentos, intoxicando indiretamente as pessoas que os consomem.

As pesquisas sobre o Mirex foram realizadas depois que o governo americano decidiu exterminar com a tal de formiga-do-fogo, em estados do Sul, através de um programa implantado em 1970. O artigo distribuído pela universidade tem cópia anexada ao documento que a Blitz de Ijuí encaminhou ao governador Amaral de Souza, e con-

ta como este projeto contra a formiga-do-fogo não deu certo.

APROFUNDAR

Apesar do Mirex ter demonstrado que é eficiente, ninguém conseguiu convencer as entidades ligadas à preservação do meio ambiente de que o produto era inofensivo para a natureza, como parecia. Na verdade, o veneno é tão ou mais forte, se comparado com outros clorados (o Aldrin não é citado), como o dieldrin e o heptacloro. O programa contra a formiga-do-fogo chegou inclusive a parar na Justiça, por iniciativa do Fundo de Defesa Ambiental, que exigiu sua suspensão.

Essas conclusões dos americanos, e os estudos do Ipagro, que inspiraram a sugestão do GEDA ao governo do Estado, podem ser conflitantes quando esmiuçam detalhes. Mas têm em comum um dado que dá como certa a nocividade, um pouco maior ou menor, de todos os defensivos clorados. A discussão — como tem dito José Lutzemberger — deve, a partir de desencontros de opiniões como estes, evoluir para um questionamento bem mais profundo, que não envolva apenas comparações. Mas isso, é claro, exige bem mais do que o esforço e o parecer de técnicos.

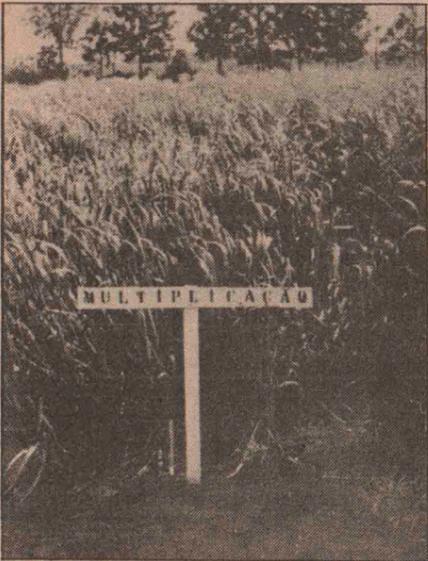
NOSSOS ENSAIOS EM MARACAJÚ BUSCAM ALTERNATIVAS PARA A LAVOURA DE INVERNO

Todas as culturas agrícolas de expressão comercial, que são exploradas no Mato Grosso do Sul, foram introduzidas através de sementes trazidas de fora. Nada deste material foi desenvolvido a partir das condições de clima e solo da região. São variedades de trigo, soja, arroz, trazidas pelos produtores de outros estados, principalmente do Paraná e do Rio Grande, e cultivadas sem uma experimentação prévia. Muitas não se adaptaram à região, e o agricultor deixou de aproveitar todo potencial de produtividade que seria possível com um material apropriado.

Com o passar do tempo este quadro tende a se modificar, principalmente a partir do momento em que áreas de experimentação e pesquisa foram sendo montadas naquele estado. E há quatro anos a Cotrijuí também vem atuando nesta área, desenvolvendo ensaios para encontrar novas variedades e culturas mais adaptadas às condições específicas da região. O trabalho tem envolvido principalmente culturas de inverno, na busca de alternativas de cultivo que atendam tanto as necessidades como às características regionais.

MATERIAL ADAPTADO

Os ensaios vêm sendo realizados na unidade de Maracajú, em duas áreas de experimentação. Uma fica junto à unidade, ocupando um espaço físico de um hectare. A outra é na lavoura de um associado, que cedeu uma área de 1,5 hectares para o trabalho do departamento



Uma área foi reservada para multiplicação



É o segundo ano de observação do cártamo

técnico, que é supervisionado pelo agrônomo Mário Bastos Lago. Este pesquisador trabalhou vários anos na Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul, desenvolvendo o melhoramento genético do trigo, e criando novas variedades de cultivo. O acompanhamento, no Mato Grosso do Sul, é responsabilidade do agrônomo Carlos Pitól.

É o Carlos quem explica que a procura de variedades adaptadas, tanto de trigo como de novas culturas, observa tanto questões de resistência a doenças como também material que não seja excessivamente exigente em termos de solo, pois existem muitas manchas de terra com baixa fertilidade. Neste quarto ano de trabalho, os ensaios foram divididos em duas situações. Na área da fazenda Jaquarussu se fez a experimentação propriamente dita de novos materiais, identificando sua resistência e adaptação. Na área junto à unidade se encaminhou o trabalho de multiplicação de sementes de variedades já selecionadas por seu desempenho nos ensaios dos anos anteriores.

EXPERIMENTAÇÃO

Os experimentos com trigo envolvem a observação de nada menos do que 234 variedades diferentes divididas em 18 ensaios. Destes, 13 são com variedades já testadas nos últimos três anos, onde se observa, além de produtividade, suas características de resistência a doenças. Este foi o primeiro ano em que se avaliou este ponto, por ser um período mais úmido e quente que nas safras anteriores, onde apenas se comparava produtividade. Cinco dos ensaios envolvem exclusivamente novas variedades ainda em fase de seleção, num total de 65 novas cultivares.

De trigo ainda existem alguns ensaios da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária). Um deles analisa o comportamento de 30 variedades já recomendadas pela pesquisa para o plantio por parte dos agricultores. O outro, também com 30 variedades, é para avaliar a produtividade em solos sem alumínio.

É também da Embrapa um experimento com triticales, um cereal resultante do cruzamento entre trigo e centeio, para avaliar níveis de produção. De triticales ainda foram plantadas 300 linhagens para seleção. Pelo que o Carlos pode observar,

o triticales teve um comportamento relativamente bom, apesar de apresentar problemas de produtividade. O aspecto mais positivo foi quanto à suscetibilidade a doenças, onde o triticales se mostrou mais resistente do que o trigo.

O experimento com cevada forrageira foi feito em cima de 26 cultivares, para avaliar sua adaptação ao clima. Todas variedades foram atacadas pela helmintosporiose, em diferentes intensidades. Algumas até conseguiram espigar, mas a doença atacou o grão. Diz o Carlos:

— Num ano como este, a cevada forrageira não seria uma boa opção, pois é uma cultura mais suscetível que o trigo ao ataque de doenças. Este, porém, é o primeiro ano em que se faz experimento com cevada, e qualquer conclusão ainda seria muito prematura.

O BOM RESULTADO DA AVEIA

Os experimentos também reservaram um lugar para a colza, mesmo que a cultura tenha se comportado relativamente mal no ano passado, sofrendo muito com o inverno seco. A intenção era também observar seu comportamento nas condições do Mato Grosso do Sul. A planta não teve nenhum problema de doença, mas sofreu o ataque de lagartas.

Este foi ainda o primeiro ano em que se observou o comportamento do tremoço doce. Foram avaliadas 10 variedades desta planta, que tem seu aproveitamento ampliado para o consumo humano, uma propriedade que não existe nos tremoços brancos ou amarelos, cultivados mais para a incorporação como adubação verde.

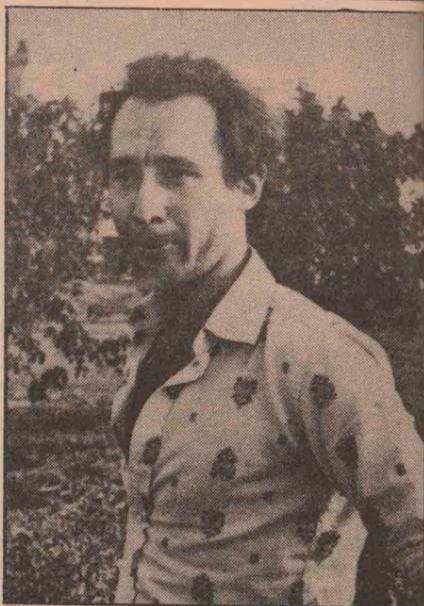
A área da fazenda Taquarussu também serviu para um experimento com 21 variedades de aveia, que faz parte do "Ensaio Sul-Brasileiro de rendimentos de grão de aveia". Segundo o Carlos, as variedades em observação são todas provenientes do Sul, e ele pode observar que as mais comuns, como a Coronado e Suregrain, sofreram o ataque de ferrugem da folha. No geral, entretanto, o ensaio com aveia teve os melhores resultados, com as variedades apresentando um desenvolvimento vegetativo superior ao do Sul:

— Algumas variedades, inclusive, estão com excelente desenvolvimento, sem problemas de doença, e carregando bem o grão.

Sobre a aveia ainda está sendo avaliada uma coleção de 250 variedades e 90 linhagens, procurando fazer uma seleção das melhores nas condições do Mato Grosso do Sul.

A NOVIDADE DO CÁRTAMO

Os experimentos ainda envolveram uma cultura completamente nova no Brasil: o cártamo, plantado pelo segundo ano. Suas sementes foram trazidas da Argentina, numa coleção de 180 linhagens, das quais foram selecionadas 27 variedades para plantio neste ano. Oito destas variedades entraram num ensaio de produção, enquanto as demais foram multiplicadas para se conseguir mais sementes para prosseguir os testes. O trabalho de experimentação com cártamo também envolve uma coleção de 78 linhagens, onde se fez um teste de comportamento.



Carlos Pitól: o clima atrapalhou

De acordo com o Pittol, o tempo muito úmido não favoreceu o cártamo, uma planta que exige clima seco para se desenvolver satisfatoriamente. O excesso de chuva e ainda o calor trouxeram problemas para a cultura, que vinha se desenvolvendo bem até a época da floração. Depois disto ela começou a enfrentar problema de doenças, especialmente de ferrugem.

MULTIPLICAÇÃO

Na área ao lado da Cooperativa foi conduzido o trabalho de multiplicação de sementes de trigo, aveia, girassol e cártamo. O objetivo é exatamente garantir semente para dar continuidade ao trabalho de experimentação, avaliando ainda época de plantio, espaçamento, adubação.

Na cultura de trigo foram multiplicadas 40 variedades selecionadas entre as que obtiveram melhor produtividade nos ensaios dos últimos três anos. São variedades de trigos mexicanos, paranaenses e gaúchos, que ainda não foram lançadas a nível de produtor. Na avaliação do trabalho, Carlos explica que as variedades, no geral, tiveram um bom comportamento. Pelo menos 10 cultivares se destacaram, apresentando melhores níveis de resistência a doenças, e serão mantidas para experimentos no próximo ano. As demais serão eliminadas, pois segundo Carlos "não adianta insistirmos em material que já mostrou que é pouco resistente".

ENSAIO DE ÉPOCAS

Além de fazer a multiplicação de quatro variedades de aveia, o trabalho com este material ainda incluiu um ensaio de épocas de plantio. A primeira foi em 28 de abril; a segunda em 13 de maio; a terceira em 4 de junho e a quarta em 29 de junho. Os dois primeiros plantios aconteceram em um período seco, e as sementes terminaram germinando na mesma época, enquanto a aveia plantada por último sofreu o ataque de pulgão no início do perfilhamento. Os melhores resultados, entretanto, ficaram com as duas primeiras épocas.

O girassol, apesar de já não animar muito os produtores, também entrou num ensaio de multiplicação. Foram 22 variedades, procurando avaliar o comportamento.

A multiplicação da semente de cártamo inclui no total 27 variedades. A intenção é conseguir mais material para prosseguir os trabalhos com esta nova cultura, avaliando inclusive dados sobre espaçamento, época de plantio e adubação, visando um conhecimento maior desta planta que pode aparecer como outra alternativa para o inverno sul-mato-grossense.

A curiosidade em olhar de perto

A aveia, o cârtamo, e algumas novas variedades de trigo entusiasmaram boa parte dos associados de Maracajú que tiveram a curiosidade de conhecer de perto os experimentos com culturas de inverno desenvolvidos na Unidade. O departamento técnico, inclusive, promoveu um dia de campo para levar os produtores interessados às duas áreas onde os ensaios foram desenvolvidos.

Um destes curiosos foi Aldir Bazana, que é proprietário de 230 hectares em Vista Alegre. Este foi o primeiro ano, por sinal, que ele plantou trigo desde que chegou no Mato Grosso, há 10 anos. Ele se interessou muito em observar o trigo, pois acha importante toda experiência que venha a determinar as melhores épocas de plantio e variedades mais adaptadas às condições da região:

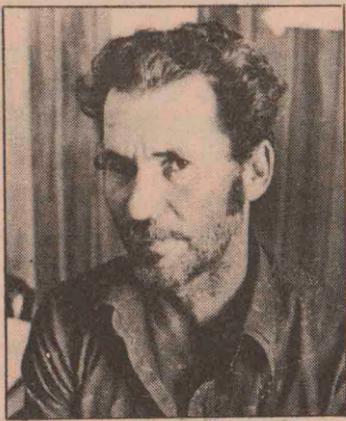
— Eu achei muito bom este trabalho, também muito bonito e organizado. Aqui o plantador precisa encontrar uma solução para o inverno, que não dá para deixar a terra sem nada.

Aldir se impressionou com a aveia, que foi até mesmo a cultura que considerou com melhores perspectivas, pelo menos no seu caso. Ele já tem experiência com aveia preta, mas pensa em poder plantar também a aveia branca. Seu interesse é garantir alimentação para as vacas de leite e os porcos que cria numa chácara.

Também o triticale deixou uma boa impressão no Aldir, assim como o cârtamo despertou sua curiosidade. Esta cultura ele pretende acompanhar de perto, para observar seu comportamento na lavoura e também na comercialização, "pois se precisa garantia de mercado nas novas culturas".

TRIGO E AVEIA

Mário Alberto Krüger também se interessou em acompanhar os ensaios. Na sua opinião este tipo de trabalho é muito importante, "pois aqui no Mato Grosso do Sul não se tem opção nenhuma para o inverno, além do trigo". Mesmo assim ele considera que estes experimentos devem dar atenção preferencial ainda ao trigo, procurando variedades que melhor se adaptem, e também à aveia. Segundo ele, não estamos em condições de dispensar muito os recursos, e são estas culturas que já atingiram um grau de conhecimento maior. No caso do cârtamo, apesar de ter levado uma boa impressão, ele acha melhor "ir com calma, assim como em todas culturas novas, como a colza no Rio Grande do Sul". Na sua opinião a cooperativa não deve investir muito na pesquisa destas culturas, "porque para isto existem os Centros de Pesquisa do governo, que a gente já paga".



Aldir Bazana: trabalho bonito

PREOCUPAÇÃO COM O SOLO

A validade maior destes ensaios, na opinião de Gijsbertus Beukhof, que planta na Fazenda Barra Mansa (município de Rio Brilhante), está na tentativa de procurar culturas que ocupem a terra no inverno:

— A preocupação é não deixar a terra à toa, vazia, pois se corre o risco da erosão. O nosso problema é que a matéria orgânica no solo diminui de ano a ano, e a terra vai se ressecando. Deve-se plantar alguma coisa, nem que seja para incorporar matéria orgânica.

A observação dos experimentos inclusive acelerou a decisão de Gijsbertus em plantar aveia na sua terra, "porque assim é coisa que a gente vê". Como ele conta, os holandeses de Maracajú, principalmente, estão plantando bastante aveia forrageira, largando o gado para o pastoreio, fazendo pastagem e também incorporando a palha no solo:

— Eu estou de olho numa variedade para semente, que se produzir bem vou plantar já no ano que vem.

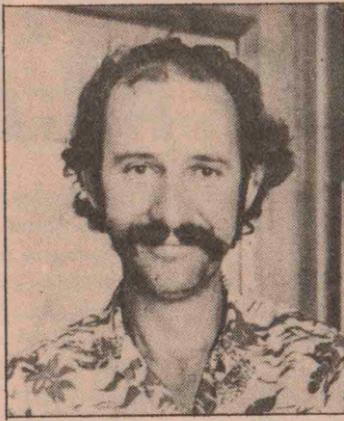
Os experimentos de trigo também chamaram sua atenção, pois demonstraram que muitas variedades em ensaio são melhores que aquelas plantadas na lavoura:

— O que resistiu este ano, que foi muito ruim para o trigo, é porque é variedade boa mesmo.

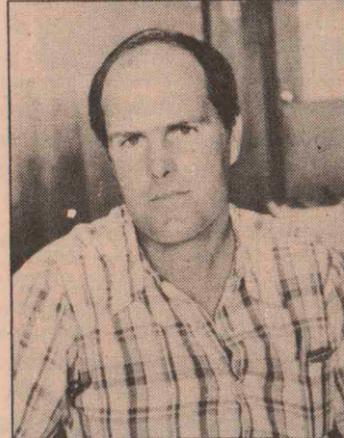
Gijsbertus, que foi o vencedor do prêmio Produtividade Rural do município de Rio Brilhante em 1981, pensa que o mais viável, agora, é acreditar no trigo e na aveia. O "cârtamo que eu vi", ele conta, "cresceu bem, mas existe o problema de mercado, que não se sabe como será. A minha preocupação é encher a terra, mas não se pode plantar o que não dá retorno".

PEGAR A PRÁTICA

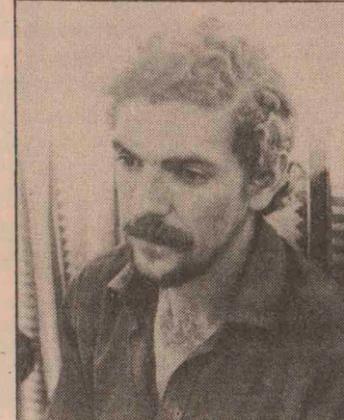
Gilberto Borges da Silva, que arrenda 360 hectares da Fazenda Taquarussu, é um dos produtores mais privilegiados na observação dos experimentos. É que uma das áreas de ensaio também fica na mesma fazenda, na lavoura de um associado que cedeu o espaço para os experimentos. Assim ele



Mário Krüger: ir com calma



Gijsbertus Beukhof: é bom ver



Gilberto da Silva: pegar prática

seguido ia dar uma espiada no desenvolvimento das culturas:

— Acho que isto foi uma boa, pois serve para se encontrar novas variedades de planta e se ir para a frente com a lavoura. Tudo que foi feito é importante, pois a gente vai aprendendo um pouco de tudo, como as melhores épocas de plantio.

Ele se interessou bastante pelo tremçoço implantado na área junto à unidade, e inclusive pensa em fazer uma área com esta cultura, visando tanto incorporação como matéria orgânica, como colheita de semente. O plantio da aveia também está nos seus planos, para produção de semente. Já o trigo não o deixa muito animado, "que não é uma planta segura para nós. A gente inclusive deve plantar pouco trigo e procurar outra cultura para o inverno".

É por esta razão que o Gilberto é da opinião que a cooperativa continue com os experimentos em Maracajú, "que assim o produtor vai observando, pegando a prática e sendo orientado do que de melhorar se pode fazer".

IV Expoalho aposta na qualidade do produto no MS

Desenvolver a qualidade do alho produzido no Mato Grosso do Sul. Esta é, em essência, a grande finalidade da Exposição de Alho de Vila Vargas, no município de Dourados, que acontece este ano na sua quarta edição. A Expoalho será realizada entre os dias 16 e 17 de outubro no Centro Social Rural de Vila Vargas, a região onde se concentra grande parte da produção de alho do Mato Grosso do Sul.

A promoção é da Empaer (Empresa de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul) e Associação dos Produtores de Alho de Vila Vargas. A Cotrijuí, a Cotia, a Agrosul e Prefeitura municipal colaboram com a Exposição, que além de alho mostrará produtos artesanais, com doces, conservas e pasta de alho.

A Expoalho foi realizada pela primeira vez em 1979, como recorda o agrônomo João Soares de Carvalho, coordenador do escritório municipal da Empaer, como uma forma de organizar os produtores de alho no sentido de melhorarem a qualidade do produto e também aprenderem um pouco mais sobre comercialização. Ele conta:

— O surgimento foi pro-

vocado pela dificuldade em reunir os produtores. Acharmos que com uma Exposição isto seria mais fácil, como se pode mesmo comprovar. O pessoal se organizou e inclusive foi fundada, depois da 1ª Expoalho, a Associação dos Produtores.

Também a produção começou a crescer na região. Em 1977, por exemplo, foram colhidas 70 toneladas de alho e para este ano se espera uma produção de 1.000 toneladas. A área de plantio, que era de 50 hectares em 1979, pulou para 300 nesta safra. Junto com a produção, começou a melhorar a qualidade. Se antes o alho sulmato-grossense só era destinado à indústria, hoje até mesmo prêmio já está recebendo. Foi assim que um alho chinês da região ficou em primeiro lugar num concurso nacional de qualidade realizado em São Paulo.

Além da exposição, onde os produtores mostram várias amostras de seu alho, ainda estão programadas palestras sobre tecnologia na produção de alho e comercialização. Existe também a intenção de realizar uma mesa-redonda para discutir o sistema de produção de alho no País.



Com uma só aplicação de Primextra, o mato nem aparece. E enquanto você descansa, o milho cresce, cresce, cresce...

PRIMEXTRA
O herbicida para milho.

CIBA-GEIGY

UMA FESTA PARA A NATUREZA COM INCENTIVO AO ARTESANATO

A comunidade de Santo Augusto se preparou com muito esmero para promover a II Feira da Árvore e do Artesanato, realizada nos dias 28 e 29 de agosto. Com 39 estandes montados ao ar livre, na praça Pompílio Silva, e dentro do Salão Paroquial, a cidade teve um fim-de-semana bastante diferente. A promoção teve o objetivo de promover e incentivar o plantio e conservação das reservas florestais e desenvolver o artesanato regional.

Além da própria exposição e comercialização de trabalhos artesanais e mudas de árvores, a Feira tinha uma programação bastante extensa. Aconteceram shows artísticos, com apresentação da Invernada do CTG Pompílio Silva e do Grupo Nativista "Os Taiguaras"; uma missa à natureza; autógrafos do livro "Eletroencefalocardiografia", do escritor santaugustense Eucadio Derrosso; a apresentação da banda marcial do 7º Batalhão de Polícia Militar de Três Passos, e ainda uma rústica com a participação de 78 cor-

redores, que percorreram uma distância de 10 quilômetros sob os olhares atentos de 2.300 espectadores. O vencedor foi o atleta Mauri João Szarecki, de Santa Rosa, que percorreu a distância em 35 minutos, recendo Cr\$ 50.000,00 de prêmio e mais um troféu.

Como resultados financeiros da comercialização de mudas e de artesanato, o movimento chegou na casa dos Cr\$ 2 milhões. Só de mudas de essências nativas, de eucalipto e de erva-mate foram comercializados cerca de 50.000 unidades. Mas também foram vendidos muitos produtos caseiros — geléias, pães, cucas, pipoca, amendoim e outros produtos coloniais — e artesanato de couro, lã, vidro e tecidos.

A NATUREZA E A PRODUÇÃO

Na programação da II Feira também estava incluída uma palestra do agrônomo Renato Borges de Medeiros, diretor agrotécnico da Cotrijuí. Ele falou para cerca de 250 pessoas que lotaram o

CTG Pompílio Silva sobre o tema "Ecologia e Continuidade da Produção Agrícola". Nesta sua palestra, Renato comentou as mudanças climáticas notadas em toda região, e que são um resultado do desequilíbrio das condições do ambiente natural provocado pelo descaso do homem com a natureza. Ele questionou, inclusive, a velocidade com que as mudanças tecnológicas são introduzidas na agricultura, perguntando se não seria melhor irmos mais devagar, para tentar reproduzir os ecossistemas naturais. Ele também mostrou, através de eslaides, o tipo de agricultura praticado em outros países e a preocupação com a qualidade de vida que nos reserva o futuro.

O TRABALHO DOS NÚCLEOS

Os núcleos de senhoras e filhas de associados e funcionários da Cotrijuí, em Santo Augusto, também tiveram uma participação destacada na Feira. Entre nove núcleos de associados e dois de funcioná-

rios, foi montado um estande para a comercialização de trabalhos manuais e produtos caseiros. Já no final do primeiro dia da Feira, elas tinham comercializado praticamente tudo que fora colocado em exposição.

Numa avaliação feita logo em seguida, as esposas e filhas de associados encararam sua participação na Feira como um incentivo e nova forma de renda familiar, que além de tudo proporcionou uma boa integração entre os núcleos. Aprenderam também quais os produtos com mais possibilidades de venda, o que deverá servir como experiência na realização de uma futura promoção deste tipo. Os núcleos chegaram a sugerir que seja realizada mensalmente uma feira-livre na cidade, onde os produtores poderiam comercializar artigos da colônia. O resultado obtido com a comercialização reverteu para cada núcleo, que decidirá a forma de aplicá-lo em benefício das comunidades locais.



O público pôde visitar 39 estandes



Renato Borges de Medeiros falou sobre ecologia e produção agrícola

Dia da árvore: atenção ao reflorestamento

Santo Augusto começa a despontar entre os municípios da área de ação da Cotrijuí que mais atenção vêm dando ao reflorestamento. No Dia da Árvore (21 de setembro), esta preocupação foi mais uma vez colocada à prova, com uma comemoração na cidade, quando foi iniciada simbolicamente a arborização da avenida principal, e várias escolas receberam dezenas de mudas de diversas espécies. No mesmo dia, o CTG Pompílio Silva mostrou a produtores, agrônomos e outros convidados uma área que pretende transformar numa completa reserva de árvores nativas.

As festividades na cidade aconteceram pela manhã, na Praça Pompílio Silva, com a presença do prefeito Flávio Carlos Sperotto, estudantes, professores, representantes da Cotrijuí e outras autoridades do município. Ali, funcionários do Departamento de Comunicação e Educação da Cooperativa falaram sobre a distribuição de mudas para a arborização de escolas, que já beneficiou 14 colégios de Santo Augusto e outros 56 dos demais

municípios da Região Pioneira, num total de 14 mil mudas.

Falaram também o diretor técnico da Cotrijuí, Renato Borges de Medeiros, o engenheiro florestal Nilo Leal da Silva e o prefeito Sperotto. Depois, o prefeito e o diretor da Cooperativa realizaram o plantio de duas mudas de nativas, num canteiro da avenida principal, cujo projeto terá a participação da Cotrijuí, que se responsabilizará pela arborização de 300 metros da rua. As 200 pessoas presentes e representantes de 12 escolas também receberam mudas fornecidas na oportunidade pela Cotrijuí.

RESERVA

Ao meio-dia, o CTG Pompílio Silva ofereceu um churrasco aos participantes das festividades, na Estância dos Rodeios, localizada na Vila Pedro Paiva, a uns 8 quilômetros da cidade. Nesta área, de 26 hectares, o CTG pretende implantar toda a estrutura necessária para a realização de rodeios crioulos, onde haverá também uma hípica e área de lazer para seus associados.



A intenção é plantar 20 mil mudas de nativas na Estância dos Rodeios

A Estância dos Rodeios será transformada, dentro de pouco tempo, numa reserva florestal com cerca de 20 mil mudas de árvores nativas de dezenas de espécies. Destas, 2 mil de frutíferas e 7 mil de outras variedades já foram plantadas, segundo Odilon Gomes de Oliveira, coordenador da 20ª Região do Movimento Tradicionalista Gaúcho e idealizador do projeto. Já estão se desenvolvendo na área também umas 10 mil mudas de eucaliptos, que servirão como quebra-vento.

A Estância terá pitangueira, araçá vermelho, guabiju, cerejeira, guabirova, jaboticaba, ameixa do mato, cedro, guajuvira, ipês, canela, figueira brava, pinheiro, mangá. Serão no total umas 40 espécies de nativas. "Queremos conscientizar o produtor e, principalmente, seus filhos, da necessidade de se preservar e recuperar o meio ambiente", diz Odilon. O projeto está sendo levado adiante com a participação dos associados, comunidade, Cotrijuí, CEEE e outros colaboradores.

Única mudança na política do leite: menor teor de gordura

A única novidade que os produtores de leite poderão esperar numa nova portaria da Sunab, em novembro, será a redução do índice de gordura mínimo exigido para a comercialização do produto. No lugar dos 3,3 por cento atuais, o teor de gordura passará a ser de 3,1 por cento. Para os consumidores também baixa o teor, dos 3,2 atuais para 3 por cento. Esta informação foi dada pelo secretário Nacional de Abastecimento e Preços, Hélio Tollini, durante uma reunião com a Comissão Estadual do Leite realizada no dia 24 de setembro, na Fetag.

Nenhuma das reivindicações que provocaram a mobilização dos produtores, durante o primeiro semestre do ano, deverá ser atendida nos próximos meses. Tollini ainda falou da possibilidade dos reajustes de preços acontecerem três vezes, a partir do ano que vem. O reajuste a cada três meses, como era reivindicado, não está nos planos do Governo.

A reunião foi a consequência de um documento entregue em Brasília no final de agosto, quando ficou acertado que o Ministério da Agricultura, a quem a SEAP é subordinada, daria uma resposta às questões levantadas pelos produtores. Já de início se sabia que nenhuma decisão seria tomada, inclusive porque a política do

leite é definida pela Secretaria do Planejamento. A reunião seria de estudo.

PROVEITOSO, MAS DECEPCIONANTE

"O encontro foi proveitoso", falou Luiz Martins, tesoureiro da Fetag e coordenador da Comissão Estadual, "mas também decepcionou, porque não modificou em nada a situação". De acordo com o titular da SEAP, as questões como frete de segundo percurso e épocas de formação de cota dependem exclusivamente de um acerto entre produtores e indústrias.

Outra reivindicação, que era o estabelecimento de um preço diferenciado para o Rio Grande do Sul, dificilmente será atendida, assim como a extinção do preço diferente para leite indústria e consumo. De acordo com o secretário, esta distinção é que viabiliza o trabalho das indústrias, para se tratar de mercados diferentes.

Tollini também deixou outra promessa: o cálculo do preço, a partir da próxima portaria, já deverá ser feito, pela Embrapa, a partir de um levantamento dos custos de produção em vários estados, e não só em São Paulo como vem acontecendo até agora. Inclusive a Fetag e a Farsul deverão ser consultadas sobre a metodologia empregada neste levantamento.

Combate ao alcoolismo tem Associação em Ijuí

Instalada em Ijuí há pouco mais de meio ano, a seção da Associação Brasileira de Combate ao Alcoolismo (ABCAL) que conta com 90 associados, vem funcionando numa sala emprestada pela Comunidade Evangélica, localizada entre os bancos Bamerindus e Bradesco.

As reuniões acontecem toda a segunda-feira, das 20 às 21 horas e contam com a participação e orientação de vários médicos da cidade. Como o alcoolismo é um mal que não tem cura, mas apenas recuperação, toda a segunda-feira, psiquiatras, psicólogos e orientadores conversam com o pessoal, ouvem seus problemas e procuram, de uma forma ou de outra, amenizar a situação de cada um. Ou então, ex-alcoolatras contam suas experiências, servindo como exemplo de recuperação e de reintegração na sociedade.

gração na sociedade.

Segundo a ABCAL, qualquer pessoa que tenha problemas de alcoolismo na família, ou entre amigos, pode participar das reuniões, "que tem como objetivo fundamental ajudar os doentes a se recuperarem, a ter uma vida normal dentro da sociedade".

Em vista do grande número de doentes em estado bastante adiantado, necessitando de medicamentos ou internamentos para desintoxicação, a ABCAL promoveu, em fins de agosto, uma festa para arrecadar dinheiro para o caixa da Associação. Esse dinheiro está sendo utilizado na compra de medicamentos e nas despesas hospitalares das pessoas que não têm condições de pagar seus tratamentos.

Bolsas às vencedoras do concurso de redação

As bolsas de estudo sorteadas entre os participantes do concurso de redação sobre os 25 anos da Cotrijuí foram entregues no mês de setembro para as duas estudantes contempladas.

No dia 16, Anne Margareth Trauttmann, de Redentora, recebeu do representante do Conselho de Administração da Cotrijuí, Erni Schünemann, sua bolsa de estudos para um curso superior equivalente ao de Cooperativismo ou Administração Rural, da Fidene. A solenidade teve a participação da família de Anne Margareth; da diretora do colégio estadual de 2º Grau Redentora, Teresa da Cunha Diniz; e da professora Anilva Giacobbo, que orientou o trabalho da estudante. O gerente da Cotrijuí em Coronel Bicaco, Antoninho Rossoni, e o responsável pelo setor de comunicação na

Unidade, Alberto Tumelero, aproveitaram a ocasião para agradecer o apoio recebido por parte da direção e professores das escolas que participaram do concurso.

A bolsa do segundo grau — para um curso equivalente ao do Instituto Assis Brasil, de Ijuí — foi entregue a Celeste Terezinha da Silva, de Chiapetta, no dia 21, pelo secretário de educação do município, Romirto Dietrich. Se contou também com a participação dos representantes eleitos da unidade e funcionários da Cooperativa. O secretário destacou, na ocasião, a validade da iniciativa, que contou com a participação de 100 por cento dos estudantes do município, e aproveitou para sugerir a continuidade de promoções que envolvam os estudantes.



Celeste premiada com bolsa de 2º grau



Anne Margareth poderá cursar a universidade

Comprove você mesmo o que a pesquisa já provou.

Com Hiperfosfato CRA você colhe mais lucros.

O Hiperfosfato CRA é a melhor maneira de você ver sua produção aumentar. E seus lucros crescerem. Testes comparativos com outros fosfatos comprovaram que o Hiperfosfato CRA apresenta os melhores resultados, em todos os tipos de culturas, podendo até mesmo ser comparado aos fosfatos solúveis em água. Comprove você também a qualidade do Hiperfosfato CRA.

Aubos CRA fazem a terra boa.



ADUBOS CRA

BNCC com novo presidente

O Banco Nacional de Crédito Cooperativo tem novo presidente a partir de setembro. É Byron Marinho Coelho, que ocupava o cargo de diretor de finanças do BNCC e substituiu Toshio Shibuya, que pediu seu afastamento para voltar a atuar na atividade privada. Shibuya presidiu o Banco durante dois anos e meio.

Atualmente o BNCC está incluído entre os quinze maiores bancos do Brasil. No primeiro semestre deste ano ele apresentou o quinto maior lucro operacional líquido entre todos os bancos do País, com um resultado de Cr\$ 9,1 bilhões. Há apenas dois anos atrás, o BNCC ocupava um modesto 46º lugar.

O novo presidente, Byron Coelho, pretende manter as mesmas linhas de administração de seu antecessor, com quem começou a trabalhar em agosto de 1980. "Nada muda", ele afirma, "pois a eficiência da administração comprova o crescimento do Banco, que passou a ser, nestes últimos três, realmente o Banco das Cooperativas".

Sindicatos: reeleitos Valcir e Eduardo

Grande foi o movimento de associados que no dia 28 de agosto compareceu ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Augusto para reeleger a atual diretoria por mais um período de dois anos. Dos 838 associados em condições de votar, 737 se fizeram presentes no dia da eleição. A chapa única, integrada por Valcir Luiz Gonzatto (na presidência), Davi Alexandre Ceolim (na secretaria) e Lino Alberto Depiere (na tesouraria do Sindicato), recebeu 723 votos contra oito em branco e seis nulos. Na suplência ficaram Hélio Adolfo Lauer, Pio Luiz Gonzatto e José Schumann.

O Conselho Fiscal ficou formado pelos efetivos Egueberto Batista Bertollo, Valdir Vender e Nerci Antonio Roppa. Na suplência, Milton Andriquetto, João Orlando Schindler e Lucídio Bariquello Bertollo. Como delegados representativos foram confirmados Valcir Luiz Gonzatto e Davi Alexandre Ceolim.

Em Coronel Bicaco a movimentação no dia da eleição, 22 de agosto, não ficou atrás. Dos 561 associados aptos a participarem da eleição, 504 foram até o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e elegeram como vencedora a chapa de número um, integrada por Eduardo da Rocha Netto, Paulo Rigodanzo e João Francisco Veríssimo. Para o Conselho Fiscal foram eleitos José Luiz dos Santos Amaral, Alceu Bastos dos Santos e Valmiro Ávila. Para delegados efetivos, os associados votaram em Eduardo da Rocha Netto e Crescêncio Ribeiro da Cruz. A chapa eleita recebe 311 votos contra os 170 da chapa de número dois.

Nos dois Sindicatos a posse das diretorias acontece ainda no mês de outubro. Em Coronel Bicaco a posse está marcada para o dia nove, com a presença de autoridades municipais e associados, enquanto que em Santo Augusto a posse só acontece no dia 24, às 10 horas, na sede da Afucotri da Unidade.

Coronel Bicaco faz uma festa para a erva-mate

Longe de querer uma Feira de "brindes e presentes", Hilário Dalsoto, Ernani Prass e Antoninho Rossoni, os organizadores da II Feira Exposição Nacional da Erva-Mate, que será realizada de 20 a 24 de outubro em Coronel Bicaco, estão trabalhando por uma Fenamate que traga lucros e projete o município à nível nacional.

"Queremos uma Feira comercial que proporcione algum rendimento ao município e aos expositores, porque tudo tem seu custo", diz Hilário Dalsoto. Ao mesmo tempo, os organizadores estão fazendo todo o empenho para que a Feira atinja objetivos bem mais amplos do que simplesmente reativar o plantio de ervais pelos estados do sul. "A Fenamate não é só festa, e os produtores ervateiros precisam tomar consciência de que se faz necessário uma maior atenção por parte do governo à cultura", explica Hilário.

Uma política voltada para a cultura da erva-mate, o Hilário Dalsoto garante que os produtores só vão conseguir no dia em que reivindicarem unidos. Alguma coisa ele até acredita que a I Fenamate, realizada em 1980, já rendeu. De lá pra cá, os velhos ervais não mais foram derrubados para dar lugar a lavouras. "Fora isso", garante, "nada mais aconteceu. Nosso produtor ainda não se deu conta de que para ser fortes, precisa estar organizado em associações".

QUASE TUDO PRONTO

Está quase tudo pronto para mais uma Festa Nacional do Mate em Coronel Bicaco, "faltando apenas alguns detalhes finais", como acrescenta o Hilário. O Parque de Exposição "Ramão Luciano de Souza", onde vai acontecer a Festa, pronto para receber os expositores, visitantes e autoridades, oferece mais de 30 mil metros quadrados de área com toda a infra-estrutura necessária. Os organizadores também estão colocando à disposição dos visitantes um restaurante de 600 metros quadrados de área coberta e uma outra área para acampamentos "a perder de vista", como diz o Hilário.

Aos expositores estão sendo colocados à disposição 70 estandes internos, localizados no pavilhão central, ao preço de Cr\$ 10 mil (nove metros quadrados) para ervateiros e Cr\$ 15 mil para os demais expositores (artesanato, floricultura...). Os estandes externos em número de 35, e com 120 metros quadrados, estão sendo alugados a um preço que varia de Cr\$ 27 a Cr\$ 40 mil. Quem não quiser um estande tão grande, pode alugar um dos 11

estandes de 50 metros quadrados ao preço de Cr\$ 10 mil cada um.

Para garantir ainda mais o sucesso da Fenamate, os organizadores estão mantendo contatos com agências bancárias para dar cobertura, através de financiamentos, aos negócios realizados durante a Feira. "A agência do Bamerindus, já nos garantiu cobertura financeira. Também a agência do Banco Econômico, de Santo Augusto, e a do Banco do Estado estão estudando uma forma de participação", garantiu o Hilário Dalsoto.

AS ATRAÇÕES

Junto com a II Fenamate, também vão acontecer a I Feira de Artesanato e o I Chimarrão da Canção Missioneira, que contam com a colaboração dos Ministérios da Agricultura, da Indústria e Comércio, da Embratur, das Secretarias da Agricultura, Desportos e Turismo e mais a Prefeitura Municipal de Coronel Bicaco.

Quem for a Fenamate vai encontrar atrações que vão desde shows artísticos (lá estarão Teixeira e Meri Terezinha; o Coral Municipal de Sarandi; a Banda Municipal Carlos Gomes de Ijuí; um conjunto de danças folclóricas, entre outros) e até palestras sobre manejo de ervais. A palestra, do dia 20 de outubro, no Ginásio de Esportes, está a cargo do diretor técnico da Cotrijuí, Renato Borges de Medeiros, e do engenheiro florestal Nilo Ruben Leal da Silva. Apesar de abrir seus estandes à visitação pública no dia 20, a abertura oficial só acontece mesmo no dia 22, com a presença do governador do Estado, Amaral de Souza, do ministro da Agricultura, Amauri Stabile, do secretário de Cultura, Desportos e Turismo do Estado, Luiz Carlos Barbosa Lessa, do presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva e do presidente da Fecotrijo, Jarbas Pires Machado.

UMA CUIA DE BRONZE

O I Chimarrão da Canção Missioneira que acontece nos dias 22, 23 e 24, é uma promoção da Prefeitura Municipal de Coronel Bicaco, com o apoio da 20ª Região Tradicionalista e da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Estado. Ao vencedor do I Chimarrão da Canção Missioneira, caberá como prêmio o valor em dinheiro de Cr\$ 100 mil e mais uma cuia esculpida em bronze; ao candidato classificado em segundo lugar caberá um prêmio de Cr\$ 50 mil e ao terceiro, o prêmio é de Cr\$ 30 mil. Os demais classificados, do quarto ao décimo segundo lugares, receberão Cr\$ 10 mil de prêmio, cada um.



BLADEX

Controla as ervas daninhas de folhas largas sem deixar resíduos no solo

BLADEX é o herbicida mais eficiente no controle de ervas daninhas de folhas largas que atacam as culturas de algodão, milho e soja.

BLADEX tem como princípio ativo a Cyanazina, inibidor da fotossíntese, não deixa vestígios nem efeitos residuais, pois é biodegradado. BLADEX pode ser combinado com qualquer graminicida, bastando seguir as recomendações do fabricante.



BLADEX



Shell Química

técnica e pesquisa a serviço de um mundo melhor

Interesse dos paraguaiois no trabalho de educação

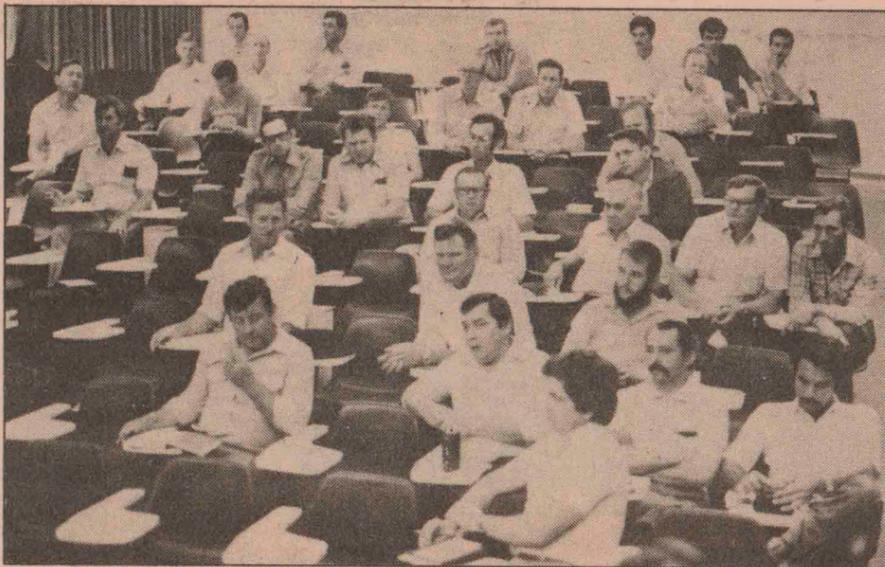
Quase 40 líderes rurais, associados da Cooperativa "Colônias Unidas", de Obligado, no Paraguai, estiveram na Cotrijuí, no início do mês de setembro, conversando com a diretoria da Região Pioneira e o pessoal do Departamento Técnico. Acompanhados do vice-presidente da Cooperativa, Armind Wolff, do diretor do Departamento de Relações Públicas, Eugênio Closs Wolff, e de alguns agrônomos e veterinários, os agricultores vieram ao Estado para conhecer o trabalho que as Cooperativas estão fazendo na área de educação. Antes da volta ao Paraguai, os agricultores ficaram dois dias visitando a Exposição de Esteio.

Apesar da língua, o pessoal se entendeu muito bem e a conversa se estendeu por toda a manhã, quando não faltaram perguntas por parte dos agricultores paraguaiois a respeito do processo de escolha dos representantes da Cotrijuí. "Nosso interesse maior", esclareceu Eugênio Wolff, "é conhecer toda a sistemática de trabalho que vem sendo realizado pelas cooperativas gaúchas na área de educação". Na Cooperativa paraguaia

o trabalho com lideranças rurais também é recente. "A escolha dos representantes não partiu do interesse do associado, mas foi levando em conta o interesse da Cooperativa", disse Eugênio Wolff. O associado não teve nenhuma participação na escolha de seu representante, que foi feita através de um convite do Conselho de Administração da Cooperativa. "Foi uma experiência que deu certo, mas que já está na hora de sofrer algumas modificações. A exemplo do que vem acontecendo com algumas cooperativas gaúchas, também queremos que os nossos associados participem da escolha de seus líderes".

IMIGRANTES ALEMÃES

A Cooperativa "Colônias Unidas" de Obligado, distante 400 quilômetros de Assuncion, capital do Paraguai, foi fundada há 30 anos atrás e conta com 1.850 associados, quase todos (80 por cento) descendentes de alemães que já haviam morado no Brasil. "Seus pais", informou Eugênio Wolff, "foram imigrantes alemães que vieram para o Brasil, ficaram



Os agricultores paraguaiois estavam interessados no trabalho das cooperativas

um tempo e depois se deslocaram até Obligado, onde fundaram a Cooperativa".

O TUNGUE

A principal atividade econômica da região paraguaia onde está localizada a Cooperativa é a cultura do tungue, uma fruta da qual se extrai óleo, e apresenta uma produção por volta de três mil quilos por hectare. Logo em seguida vem a industrialização da erva-mate, e em menor escala a cultura da soja, trigo e milho.

Só para esta safra, a Cooperativa de Obligado está se preparando para receber 30 mil toneladas de tungue. Por cada quilo de produto entregue, a Cooperativa

está pagando ao associado de 15 a 16 guaranis (o dinheiro paraguaio) que equivale a cerca de Cr\$ 12,00. "Mas já teve anos", explica Eugênio Wolff, "que o associado recebeu apenas três guaranis pelo quilo do produto. Quando foi no outro ano, o preço do tungue foi para 38 guaranis". Os agricultores contaram que quando há excesso de produção e o preço não compensa, o jeito é deixar a fruta no pé até que caia de madura. Se o tempo correr bem, sem muitas geadas e chuvas, ele ainda pode comercializar as sementes na próxima safra. "As sementes, que é de onde se extrai o óleo, se conservam no chão até por um ano", explicou Eugênio Wolff.

O Secretário no CTC: apoio à tecnologia nativa



Marques da Rocha (de casaco escuro): o CTC serve de exemplo

O secretário da Agricultura do Estado, José Alfredo Marques da Rocha, levantou cedo no dia 15 de setembro, para visitar o Centro de Treinamento da Cotrijuí em Augusto Pestana, e gostou do que viu. Na noite anterior, ele havia proferido uma palestra em Ijuí (veja nas páginas centrais), quando falou da necessidade de se buscar novas alternativas para a agricultura gaúcha com apoio à "tecnologia nativa".

Na visita ao CTC, ele voltou a comentar essa prioridade, enfatizando que o Brasil precisa ampliar seus projetos de pesquisa e experimento, para encontrar saídas caseiras, adequadas à sua realidade. Afinal, segundo Marques da Rocha, é preciso reco-

nhecer que, durante os últimos anos, o país importou tecnologia que, em muitos casos, pouco tem a ver com as condições da nossa agricultura.

O secretário entende que as cooperativas podem levar adiante muitos desses projetos, e disse que o caso do CTC serve de exemplo. Ele esteve no Centro de Treinamento acompanhado do presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva; do diretor técnico, Renato Borges de Medeiros; e do gerente do CTC, Walter Colombo. O secretário percorreu a área para conhecer os experimentos, e fez elogios especialmente ao programa de forrageiras da Cooperativa, cujos resultados vem acompanhando.

Quando você aplica Blazer,® a única coisa que fica em pé é a soja.

É só pulverizar Blazer sobre a lavoura de soja e você verá, 2 a 3 dias depois, mortos pelo chão: o Amendoim

Bravo ou Leiteiro, o Joá, o Carurú, a Trapoeraba, o Picão Preto, o Picão Branco, a Corda de Viola ou Cipozinho.

A matança é total. O Carrasco só deixa em pé mesmo, a soja. Se você já aplicou Blazer, sabe que isso é

verdade. Caso nunca tenha usado, pergunte a quem já aplicou e só ouvirá uma resposta: O Carrasco é um "baita" produto.



Fabricante de: Blazer, Dthane, Staro, Karthane, Karathane e Goal





O assunto liderança foi discutido em Ijuí...

UM ESTUDO SOBRE O PAPEL DA LIDERANÇA

O que representa o líder para um grupo? Que tipo de liderança é mais adequado? Como adquirir condições para exercer uma liderança eficiente? Que qualidades precisa ter um líder? Estas foram algumas das muitas questões sobre "liderança" levantadas nas reuniões realizadas com as representantes dos Núcleos Cooperativos de Esposas e Filhas de associados das Unidades de Ijuí, Ajuricaba, Jóia e Santo Augusto.

As reuniões que contaram com a participação do psicólogo da Cotrijuí, Olavo Fritzen, da Coordenadora da Comunicação e Educação, Área Feminina, Neomi Huth, e mais o pessoal do Departamento de Comunicação e Educação de cada Unidade, foram realizadas nos dias seis, oito, nove e 10 de setembro (uma em cada Unidade), reunindo ao todo, 85 representantes dos 47 núcleos femininos já formados nestas quatro Unidades.

INSTRUMENTALIZAÇÃO

Os estudos e reflexões sobre lideranças, segundo a Neomi Huth, serviram para instrumentalizar as representantes, "nos aspectos mais amplos de liderança, até para facilitar e melhorar o trabalho junto aos núcleos cooperativos".

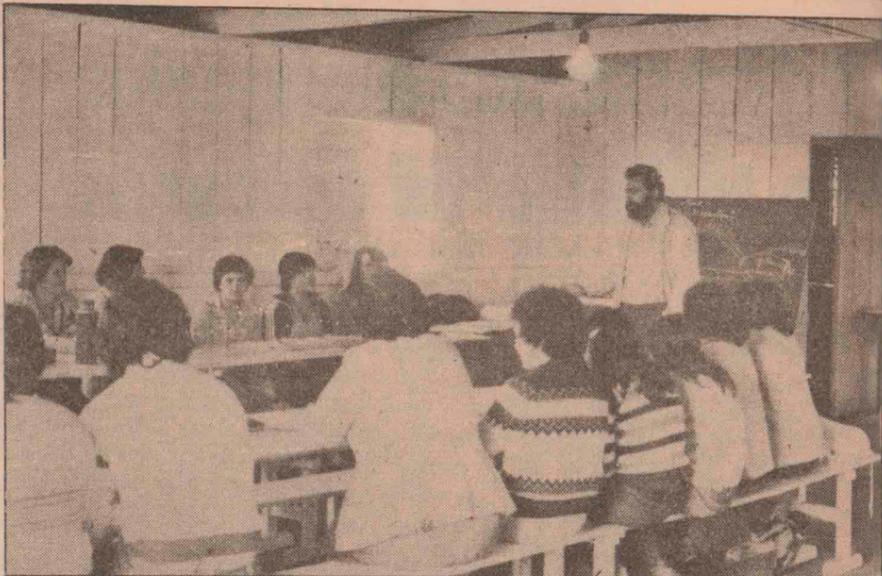
As discussões e colocações das reuniões, a partir da realidade de cada Unidade, quase sempre giraram em torno da teoria de que líder é aquele que tem influência sobre um grupo de pessoas e que tem relação entre si, em função de cada situação. "Ser líder, como ficou bem claro para as representantes, é muito mais do que simplesmente ser saliente, considerada apenas uma

característica do líder". Falou-se muito nas qualidades e defeitos de um líder. As representantes ouviram que retidão, espírito de equipe, poder de decisão, domínio de si mesma, justiça, coragem, lealdade, entre outros, fazem parte da qualidade de liderança, enquanto que subserviência, incapacidade administrativa, inveja dos subordinados, falta de estímulo ao esforço do subordinado, protelação sistemática de resoluções, são considerados defeitos num líder.

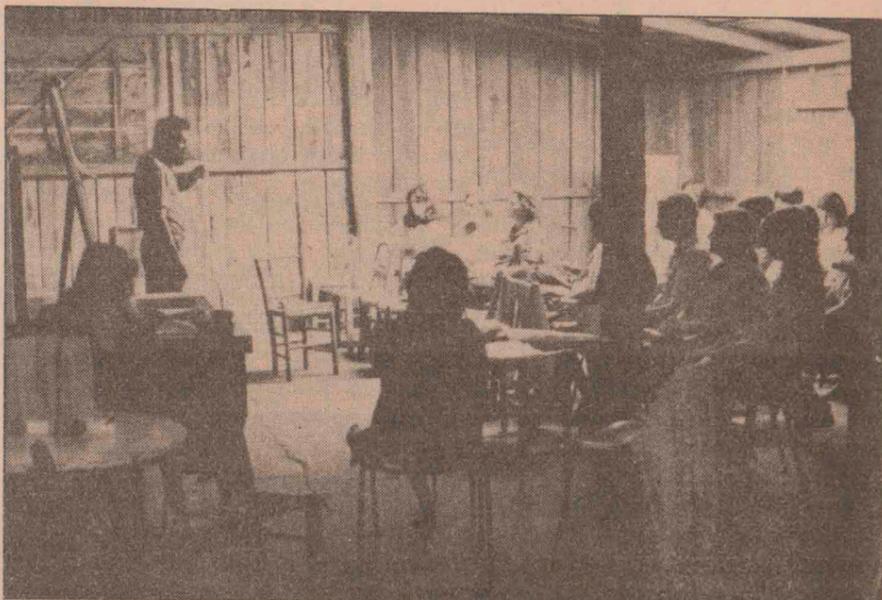
RESPONSÁVEL

O trabalho da representante junto ao seu núcleo, que além de ser organizada e solidária, deve ser sobretudo uma cooperadora, foi assunto para muita discussão. Ficou claro que a representante deve ser responsável pelo crescimento do grupo através da cooperação de todos os membros da comunidade, sem ficar restrita apenas às participantes dos núcleos cooperativos. "A representante vai ajudar o grupo todo a ter seu lugar de participação na cooperativa e na comunidade". O crescimento e o amadurecimento do grupo vai depender em muito da participação de todas, não só nas reuniões, mas também em outras atividades da comunidade, através de discussões, análises e tomada de posições comuns.

Como não poderia deixar de acontecer, as discussões das representantes não ficaram restritas ao assunto "lideranças". No tempo que sobrou, elas levantaram problemas que vêm acontecendo ou sendo sentidos no dia-a-dia, como o caso da comercialização do leite e a maior participação da mulher em seus órgãos de classe.



em Jóia...



em Santo Augusto e também em Ajuricaba

Encerramento de cursos em dois núcleos de Ijuí

Em agosto mais dois cursos de Corte e Costura para senhoras e filhas de associados foram concluídos em Ijuí. Os dois cursos foram ministrados pela professora Lianne Kettzer.

Um dos cursos aconteceu na Linha 6 Norte - Irgang e contou com a participação de 24 senhoras e filhas de associados, divididos em duas turmas diferentes. Durante as aulas (a turma da manhã teve 210 horas aulas e a da tarde, 170), as alunas aprenderam a confeccionar saias (com cortes evasés, retas, godês, pagueadas), blusas, vestidos, camisas, eslaques, calças, casacos, camisolas, chambres e roupas de nenê.

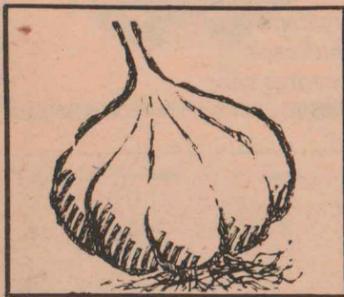
Participaram do curso Alice Cervieski, Dulce Wolf, Emi Dulce Mozak, Elenir Satur, Fátima Dolores Michalski, Ieda Srlar, Loreci Mozak, Luiza Friedriszevski, Lourdes Rochinheski, Maria Isabel Michalski, Natália Stamborosvski, Neuza Beatriz Michalski, Odila Michalski, Ariete Freitag, Blondina Schmidtke, Clarice T. Marholt, Elzira Heck, Hedwig Froidenberger, Ilsa Schreiber, Irene Schalanski, Joana Inês

Gammert, Lili Oster, Lourdes Michalski e Nelci Willig.

Em Rincão dos Pinheiros, 16 senhoras e filhas de associados participaram do curso que teve a duração de 221 horas-aula, e foi dado nas terças e quintas-feiras. A exemplo do que aconteceu no núcleo da Linha 6 Norte, as alunas aprenderam a confeccionar desde saias godê, até bombachas e roupas para nenê. As alunas foram Almanir Stochero, Alzira Dalforno, Carmen Bilibio, Carmen Dalforno, Carmem Gelati, Dejanir Gelati, Elenir Gabbi, Ester Gabbi, Ivanir Stochero, Lori Bilibio, Mariléia Gabbi, Maristela Gabbi, Rosa Stochero, Roseli Polfo, Sonia Cossetin e Wilma Gelati.

A conclusão do Curso no Rincão dos Pinheiros aconteceu no dia 26 de agosto enquanto que o da Linha 6 Norte foi encerrado no dia 27. Após a entrega de certificados, os cursos encerraram com um coquetel. Nos dois encerramentos, além do pessoal da comunidade e das alunas, estiveram presentes funcionários da Cotrijuí, ligados ao Departamento de Comunicação e Educação.

A LAVOURA NO MÊS



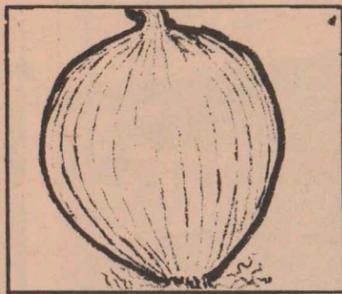
ALHO

O alho tem sido prejudicado pelo excesso de chuvas, principalmente as "variedades precoces como a "Gaúcho", que agora já estão na fase de bulbificação, sendo, portanto, mais sensível ao superbrotamento.

O alho "Amarante", por sua vez, tem apresentado muitas moléstias, tanto de raiz como de folhas (ferrugem, alternária), sendo que em muitas lavouras há prejuízos muito significativos. As variedades

"Portela" Roxo e algumas de origem regional têm comportado-se bem, não tendo ainda apresentado prejuízos em função das condições ambientais.

Os tratamentos com fungicidas devem ser continuados, para manter a sanidade das folhas novas e garantir o desenvolvimento das plantas.



CEBOLA

O desenvolvimento das lavouras de cebola tem sido prejudicado pelo excesso de umidade. O potencial produ-

tivo, contudo, parece ainda não estar prejudicado. Em algumas lavouras têm ocorrido focos de doenças e, caso o ambiente seja úmido e quente, haverá necessidade de ser feito tratamento com fungicidas. O cuidado em relação ao ataque de pragas deve ser constante, principalmente o **trips**, para que seja controlado, assim que começar a prejudicar as plantas



BATATA

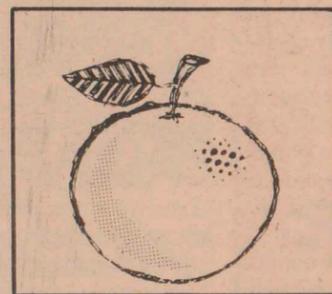
Alguns produtores anteciparam seu plantio na esperança de não enfrentarem geadas, o que significa um risco para a lavoura.

Para aqueles associados que estão procedendo o plantio agora, lembramos mais uma vez

da necessidade de aplicar brotador na semente, para que assim haja mais uniformidade na lavoura.

A aplicação do brotador deve ser efetuada com pulverizador sobre as plantas espalhadas no chão. Depois de secas, devem ser novamente ensacadas, para posteriormente plantar. O uso do pulverizador, e não colocação da batata em tambor com água, diminui a disseminação de doenças que estejam contidas na semente.

A continuação das condições ambientais favoráveis às doenças exigirá que se faça tratamentos na parte aérea, o que deverá ser feito de acordo com orientação do Departamento Agrotécnico.



POMAR DOMÉSTICO

Os pessegueiros do cedo (precoces) já apresentam frutos com desenvolvimento médio, pelo que deve ser efetuado o tratamento para evitar a ocorrência do bicho do pêssego. As variedades tardias de pêssego também já devem receber a primeira aplicação para garantir a qualidade de produção.

Os pessegueiros que apresentarem excesso de carga de frutos devem ser raleados para que se obtenha frutos de melhor tamanho. Esta aplicação é adequada no período em que os frutos estiverem pequenos.

Os ventos frios que têm ocorridos em alguns períodos são propícios ao surgimento de **antracnose** na parreira, pelo que os tratamentos preventivos devem ser realizados antes que ocorram prejuízos ao parreiral.

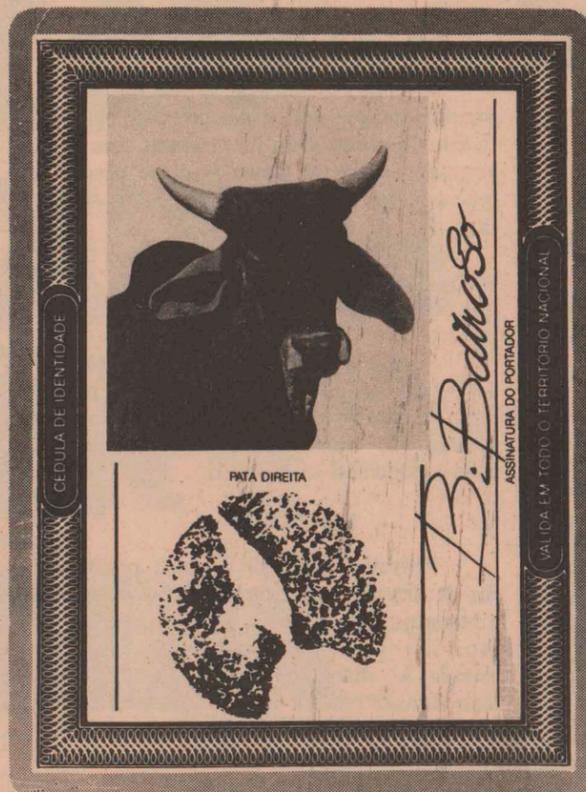
A figueira, da mesma forma, já está em pleno período de brotação, devendo-se também iniciar os tratamentos preventivos para evitar o surgimento de ferrugem da folha.

HORTA DOMÉSTICA PARA 5 PESSOAS			
Repolho	12 m ²	cultivado em 3 épocas	- 36 m ²
Couve	12 m ²	cultivada em 2 épocas	- 24 m ²
Rabanete	4 m ²	cultivado em 6 épocas	- 24 m ²
Tomate	10 m ²	cultivado em 2 épocas	- 20 m ²
Pepino	10 plantas		- 25 m ²
Alface	12 m ²	cultivado em 6 épocas	- 72 m ²
Rúcula	6 m ²	cultivado em 4 épocas	- 24 m ²
Cenoura	18 m ²	cultivado em 2 épocas	- 36 m ²
Cebola	40 m ²	cultivada em 1 época	- 40 m ²
Condimentos	2 m ²	cultivados em 2 épocas	- 4 m ²
Total	119 m²		

HORTA SUGERIDA PARA AGOSTO/SETEMBRO	
Espécie	Variedade
Repolho	Coração de boi, chato de quintal
Couve	Manteiga Geórgia
Rabanete	Redondo vermelho, Saxa
Rúcula	Cultivada
Cenoura	Kuroda Nacional
Alface	Maravilha de verão, Kograner
Beterraba	Tall Top Early Wonder

12,5 m	
6 m	6 m
Setembro Cenoura III	Setembro Alface IV
Setembro Beterraba II	Setembro Couve
Setembro Espinafre	Setembro Repolho II
Setembro Couve II	Setembro Couve II
Setembro Repolho II	Setembro Rúcula II
Setembro Cenoura II	Setembro Condimentos
4 m	
Cebola — observar limpeza da área Prevenir moléstias.	
Espaçamento: 10 cm entre plantas 30 cm entre linhas	

Brasileiro, solteiro, vacinado.



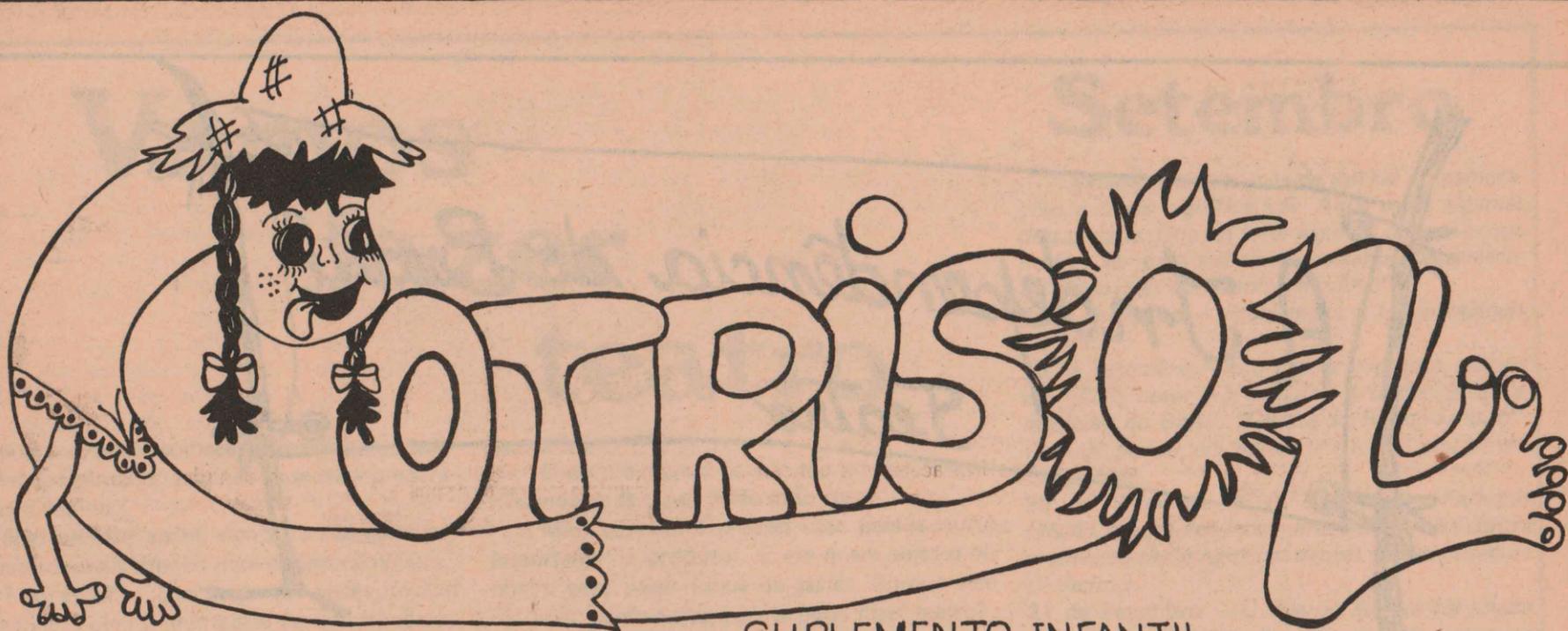
As Vacinas Irfa imunizam os rebanhos contra a febre aftosa, garantindo saúde aos animais e maiores lucros ao criador.

É um produto totalmente gaúcho, com a qualidade e eficiência Irfa.

Prestigie o que é nosso.

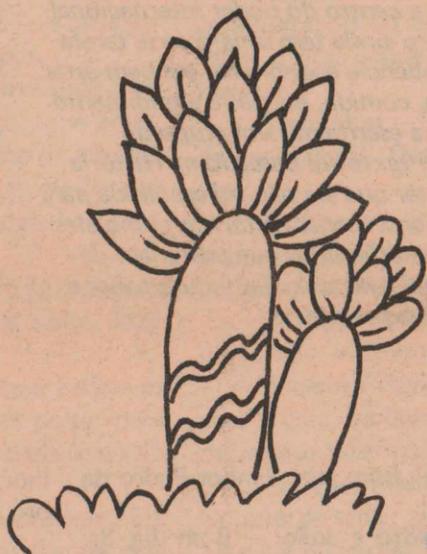
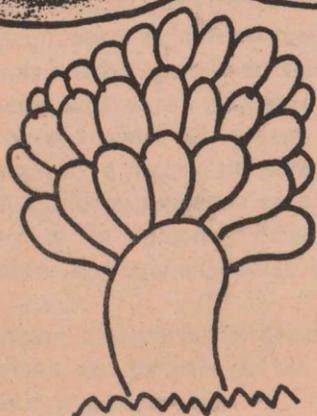


Vacinas Irfa
Instituto Riograndense
de Febre Aftosa



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI



TEATRO PARA VOCÊS

Pois é, minha gente, quem gosta de brincar de teatro, sempre que pode, lá está emendando e pintando folhas de papel ou procurando lençóis velhos para o cenário. E podem acreditar — quando a gente inventa fazer uma peça... é sucesso absoluto.

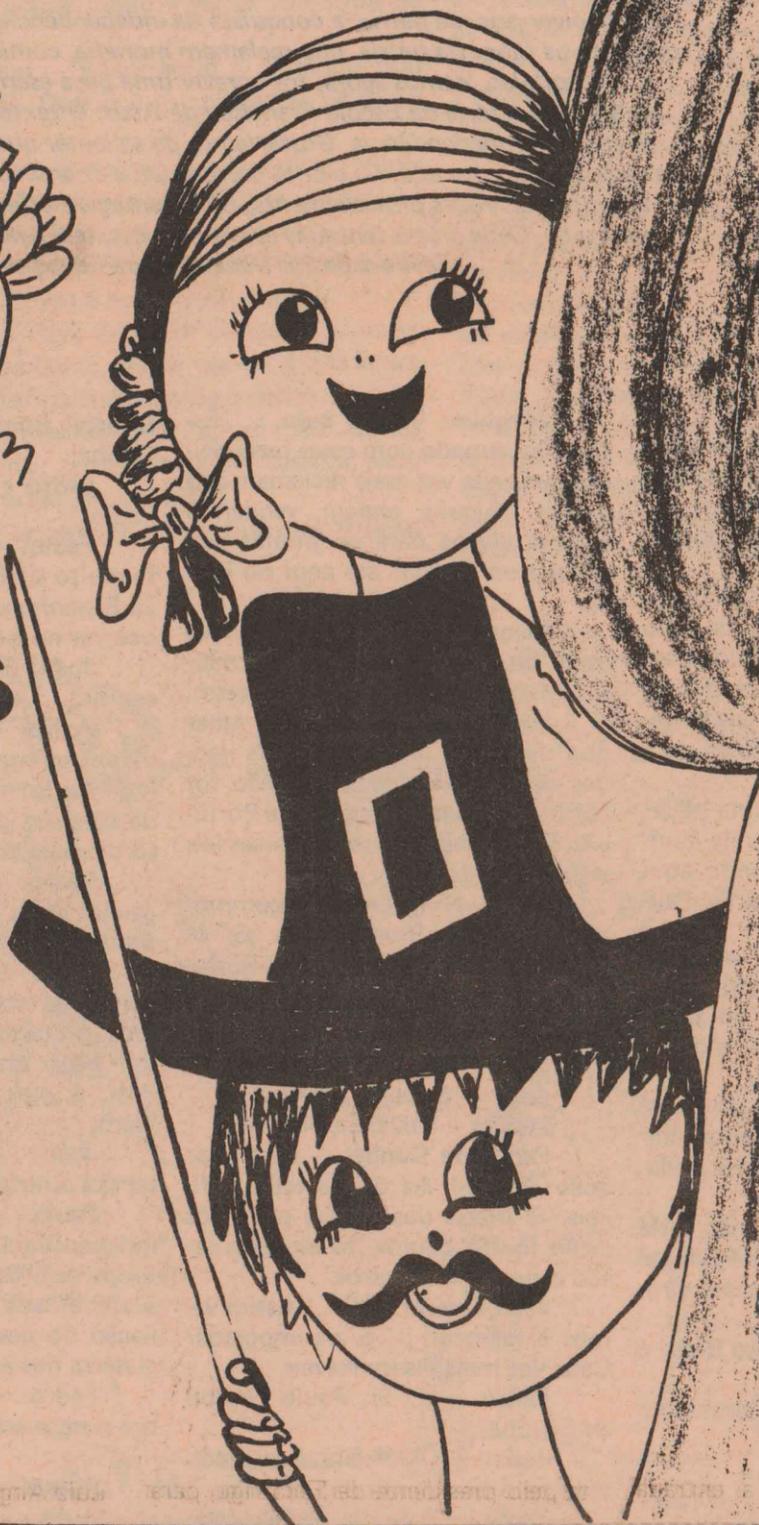
O teatro na escola, na comunidade, ou com os amigos, é capaz de oferecer a oportunidade das pessoas se expressarem livremente, de criarem, extravasarem toda a riqueza que têm por dentro. É um meio de valorização própria, de partir para o novo, para o original.

Ah! É uma atividade que envolve cooperação, uma vez que ninguém faz teatro sozinho.

Através do teatro temos a oportunidade de escrever, de dar formas à linguagem, de nos expressarmos através do corpo.

Pela linguagem do corpo, dizemos muitas coisas aos outros. E eles têm muitas coisas a dizer para nós. Também nosso corpo é antes de tudo um centro de informações para nós mesmos.

O teatro não visa simplesmente uma recreação, mas sim, um trabalho altamente educativo.



A Independência do Brasil

Teatro

O sete de setembro representa para o povo brasileiro o seu nascimento como nação autônoma, representa o nascer de uma pátria. Porém, 1822 foi apenas o nascimento, e ainda temos muito o que crescer. Se em 1822 conquistamos a independência política, não conseguimos a independência econômica. É bem verdade que os ingleses no século XIX eram o centro do poder internacional, como hoje o é os Estados Unidos. O povo brasileiro ainda tem uma grande tarefa a desenvolver por sua pátria: a conquista da independência econômica, e o bem-estar de todos os filhos da pátria, que reclamam moradia, comida, escolas e atendimento hospitalar. Vamos agora, transcrever uma peça escrita por um grupo de alunos da 5a. série da Escola Francisco de Assis. O texto foi baseado na História do Brasil — A Independência. Gostaríamos de salientar que ela não foi escolhida para ser usada como modelo. Os alunos escreveram e criaram cenas históricas como eles as sentiram. Vocês, provavelmente, têm mensagens diferentes que gostariam de transmitir. Cada grupo tem suas características, tem suas próprias inquietações, e deve encontrar a sua maneira de expressá-las.

1º ATO

Ricardo: — O nosso nobre país, a Inglaterra é mais desenvolvida que Portugal. Tu sabes que eu sou comerciante e dono de uma grande fábrica de tecidos?

John: — É eu sei! Eu também sou dono de uma fábrica. Eu bem que gostaria de fazer negócios com os brasileiros sem o intermédio de Portugal. No Brasil tem mais matéria-prima e bastante fregueses para os nossos produtos.

Ricardo: — Eu tive uma idéia! Vamos falar com o Paulo, ele é um Brasileiro que está estudando aqui na Inglaterra. — Como vai Sr. Paulo?

Paulo: — Bem! E os senhores!

John e Ricardo: — Bem!

John: — Sr. Paulo, tu sabes que o Brasil pode ser independente de Portugal?

Paulo: — Sei. Estava lendo este livro que diz que os Estados Unidos da América tornaram-se independente.

Ricardo: — O Brasil não teria que obedecer as ordens de Portugal e teria suas próprias leis, seu próprio governo.

Paulo: — Vou voltar ao Brasil e pensar nisso.

John e Ricardo: — Conte com o nosso apoio.

2º ATO

Manoel: — Como vão os negócios, Sr. Joaquim?

Joaquim: — Vão indo. . . Estou preocupado com esses fazendeiros que cada vez mais reclamam dos preços. Alguns andam vendendo seus produtos para os piratas que conseguem chegar até aqui no Brasil.

Manoel: — Muitos fazendeiros estão querendo vender seus produtos para os ingleses e franceses.

Joaquim: Eles devem saber que ninguém, no Brasil, pode vender ou comprar nada que não for controlado pelo nosso rei de Portugal. Quem desrespeitar as nossas leis vai ser punido!

Rei: — Ninguém pode comprar ou vender no Brasil a não ser os portugueses. Eu sou o rei de Portugal e todos devem respeitar a minha lei.

3º ATO

João: — Salve, Sr. Pedro!

Pedro: — Salve, Sr. João!

Pedro da Cunha: — É, senhor João Duarte! As coisas estão difíceis. O preço dos nossos produtos estão muito baixos, os escravos estão cada vez mais caros.

João Duarte: — É. . . Assim vamos à falência. . . E os impostos? Cada vez mais insuportáveis.

Pedro: — O Sr. Paulo chegou da Europa.

João: — Olhe! Ele vem vindo aí.

Paulo: — Bom dia, senhor João

Duarte! Bom dia, Senhor Pedro da Cunha!

Pedro e João: — Bom dia, Sr. Paulo.

Paulo: — Na Europa se comenta muito a Independência da América Espanhola. . . E talvez isso possa ocorrer no Brasil.

João: Estávamos discutindo o assunto. . .

Pedro: — É possível nos tornar independente?

Paulo: — Sim, muitas colônias da América conseguiram. . . O Brasil também conseguirá.

Pedro: — Assim poderíamos ganhar mais dinheiro pelos nossos produtos.

Paulo: Se o Brasil fosse independente vocês poderiam vender seus produtos para qualquer país sem pagar altas taxas para Portugal. Pois é, eles que ficam com nosso lucro.

João: — Mas isso é conspirar contra o nosso Rei. . .

Paulo: — Mas seu João. . . A independência é uma exigência de todos os brasileiros. . . O povo quer sua liberdade, quer se livrar da espoliação do governo português. A Inglaterra nos apoiará.

Pedro: — Até o príncipe D. Pedro parece estar do nosso lado!

4º ATO

Pirata: — Eu quero comprar açúcar de vocês, pago um preço me-

lhor por seus produtos, pago o dobro do que os portugueses.

Fazendeiros: — Isso é perigoso. O governo proíbe qualquer contrabando.

Pirata: — Não tem problema! Eu dou um jeito. Tenho muito contrabando na América. . .

Guardas: O senhor está preso por desobediência ao Rei de Portugal (levam o pirata preso).

5º ATO

Rei: — Pedro! vou voltar para Portugal. Você ficará aqui no Brasil. E como seu pai vou lhe dar um conselho: — Faça a independência do Brasil antes que o povo o faça. Coloque sobre tua cabeça a coroa do Império do Brasil.

Príncipe D. Pedro: — Certo, meu pai, guardarei suas palavras e, no momento certo, proclamarei a independência do Brasil.

6º ATO

Fazendeiros: — Não estamos mais dispostos a aceitar as ordens do governo Português.

Ingleses: — Nós apoiamos a Independência do Brasil, inclusive com armas.

Paulo: — O povo brasileiro está preparado, todos querem a independência, chega de obedecer as leis da metrópole, viva e liberdade do povo. Faremos um governo nosso.

D. Pedro: — Independência ou Morte!

Vamos fazer teatro

Agora vamos começar a trabalhar. Posso imaginá-los pensando que não se sentem preparados para fazê-lo.

Não pensem assim, vamos juntos começar, partindo do mais simples para o mais complexo.

Não estamos querendo que vocês iniciem seu trabalho com a montagem de um grande espetáculo, mas simplesmente incentivá-los a dramatizarem cenas bastante simples. Então vocês já estarão fazendo teatro.

QUEM FAZ UMA PEÇA

Toda vez que vamos fazer teatro, precisamos, antes, de uma história (ou texto), que é uma peça. Portanto, para existir a peça é preciso que exista um autor ou autores que a escrevam.

Depois precisamos dos artistas — e cada artista será um personagem daquela peça.

Como os artistas não devem trabalhar sem uma orientação, é preciso um diretor, que poderá ser um aluno ou professor no caso de atividade escolar; se for na comunidade, qualquer um dos membros que esteja disposto a assumir a direção do grupo.

Também precisamos do cenarista, a pessoa que desenha os cenários e faz a cena estar conforme a peça pede.

E o iluminador? É o sujeito que instala as lâmpadas para parecer dia, parecer noite, para tudo ficar mais claro, mais escuro, mais colorido para encher o palco de cores.

O sonoplasta é o encarregado dos sons. Ele faz trovejar, faz o ruído de cavalos em disparada. . . Fazer barulho é com ele!

O figurinista desenha as roupas que os artis-

tas vestirão.

O contra-regra é aquele sujeito que fica verificando se as coisas estão indo certo.

Mas, também é preciso uma pessoa muito importante: o produtor. É ele quem solta o dinheiro para pagar todos os gastos. Porque sem dinheiro, como é que a gente pode fazer teatro?

O cenário é muito fácil de fazer. Vocês podem emendar papel-crepon, lençóis velhos, cortinas, colchas, etc. . .

Para fazer nuvens? É fácil: use papel branco amassado.

Árvores — Pegue uma lata e encha de terra. Enfie ali, um cabo de vassoura que deve ser revestido com tiras de papel, panos, arames. . .

Para fazer as flores, corte pétalas de papel e vá amarrando ao centro com barbante, usando papel, tinta, arame, pode inventar mil tipos de flores.

Graminhas — Recortando e pintando tiras de papel verde. Depois é só colocar ao pé da árvore.

Enfim, apenas damos algumas dicas: Vocês podem improvisar cenários com jornais, panos e utilizar o material que encontrarem.

Os figurinos — E as roupas? — Vocês vão perguntar. — Como é que a gente faz?

Podemos fazer de papel ou tecido. Com tesoura, cola, barbante, linha, agulha e boa vontade, vamos fazer fantasias muito bonitas.

Em casa mesmo vocês tem chapéus, bolsas, sapatos de salto, perucas, enfeites, casacos, camisas, que não estão sendo usadas.

Não é por falta de roupas que vamos deixar de fazer teatro!

Setembro

Setembro é um mês de muitas comemorações e datas significativas. Aqui estão algumas dessas datas. Que tal fazer algumas pesquisas que podem ser para trabalhos escolares, enriquecendo ainda mais seus conhecimentos?

7 de Setembro — Proclamada a Independência do Brasil.

10 de Setembro — É o Dia da Imprensa, porque em 1808, nesse dia, circulou o primeiro jornal impresso no Brasil, "Gazeta do Rio de Janeiro". Que tal pensar em editar um jornal escolar em sua escola?

20 de Setembro — A Guerra dos Farrapos (1835) foi um dos movimentos de revolta contra o governo das Regências, depois da abdicação de D. Pedro I.

21 de Setembro — O Dia da Árvore foi criado nos Estados Unidos, há mais de cem anos para "impedir a destruição das árvores, melhorar as condições do clima, sanear e embelezar as cidades.

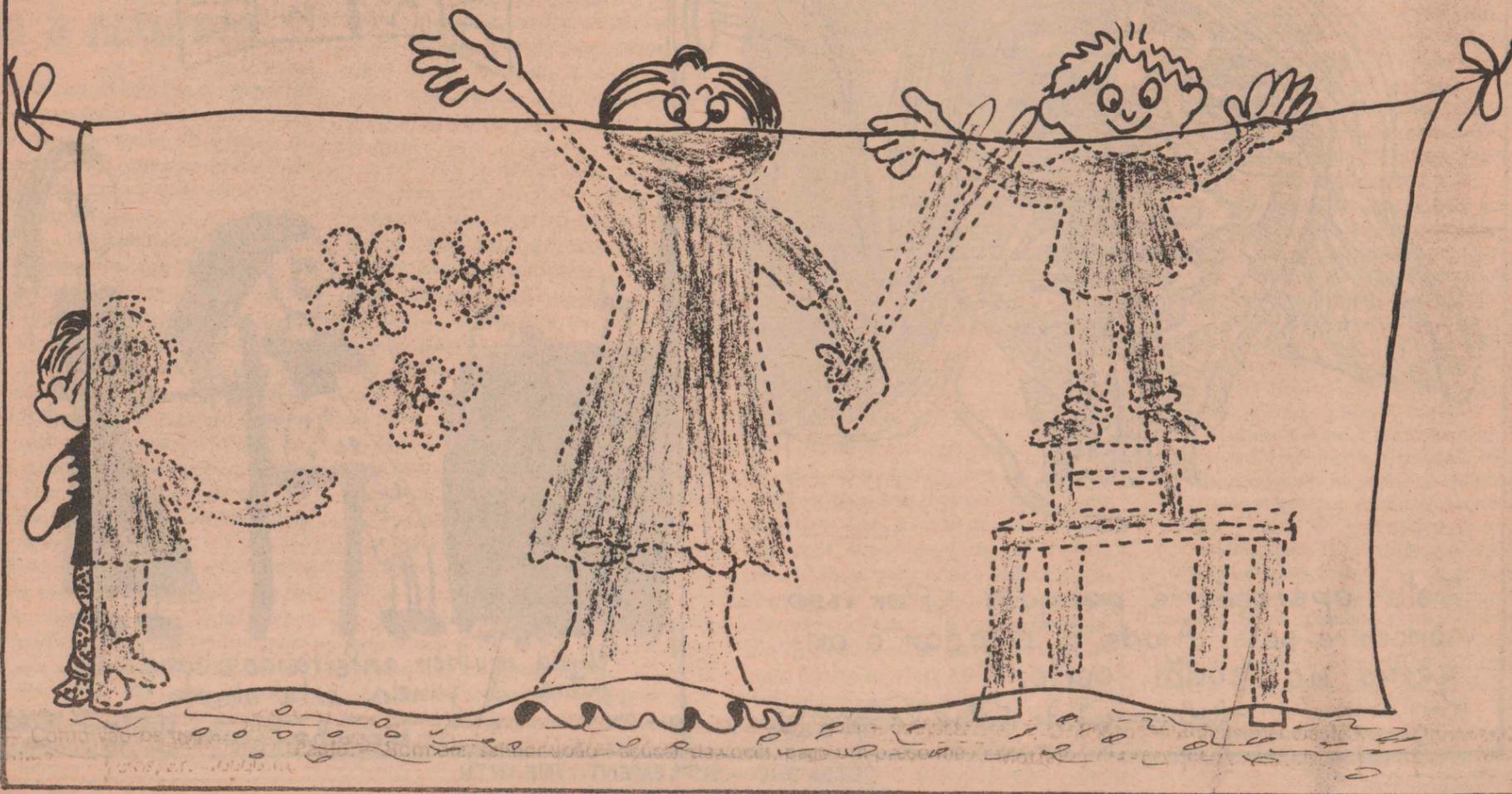
É comum haver festas com plantio de árvores. Seria bom pensar em quantas árvores são derrubadas a cada ano, sem maiores cuidados pela preservação desses elementos tão importantes na nossa vida; pois ela além de produzir o ar que respiramos, nos dá frutos e sombra.

23 de Setembro — Às 5h46' desse dia tem início a Primavera, estação do ano que encerra o período frio e anuncia que o calor vai chegar com o Verão. Chamada estação das flores, é na Primavera que as plantas vivem o período de reprodução: das flores surgirão, depois, as frutas e as sementes da renovação da Natureza.

25 de Setembro — Dia Nacional do Rádio. A data comemora o nascimento de Roquete Pinto, que colocou no ar a primeira estação brasileira de rádio, em 1924. O rádio é importante meio de comunicação.

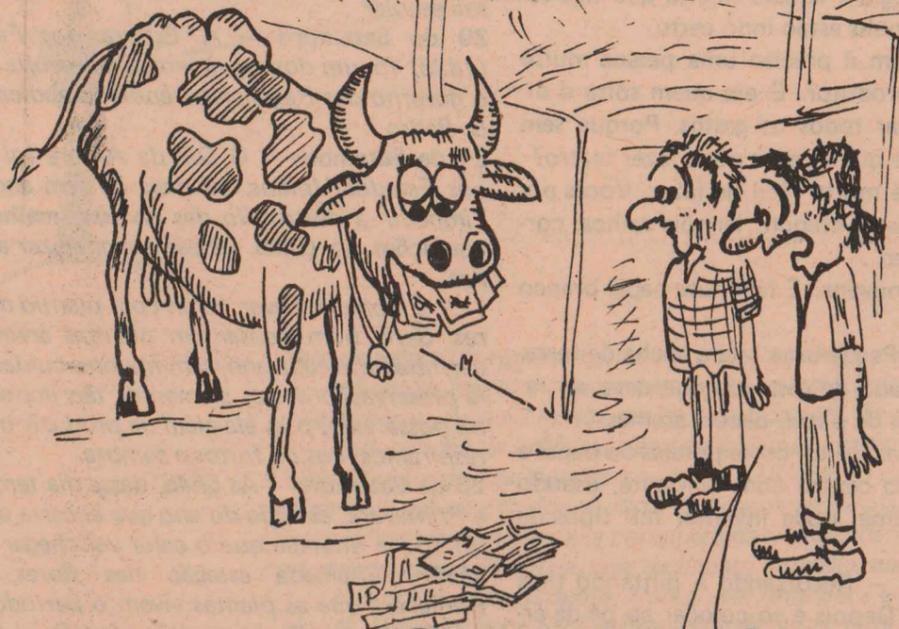
27 de Setembro — Dia do Ancião. Comemora-se esta data desde 1953. Foi criada na França, em 1946, por uma instituição assistencial. Não é uma boa idéia conversar muito, dar muito carinho aos velhos?

28 de Setembro — Dia da Mãe Preta. São feitas comemorações nesta data porque em 1871 foi promulgada a chamada lei do Ventre Livre.



O QUE É,

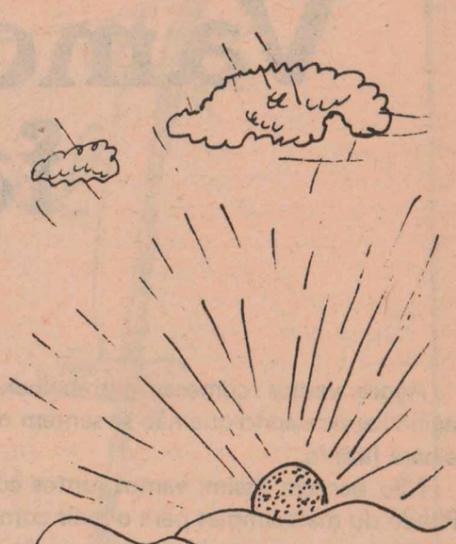
Se você alimentar uma vaca com dinheiro o que obtém?



O DINHEIRO TÁ ACABANDO... SERÁ QUE ELA ACEITA CHEQUE?

Resp: com leite enriquecido. :dscg

O QUE É?

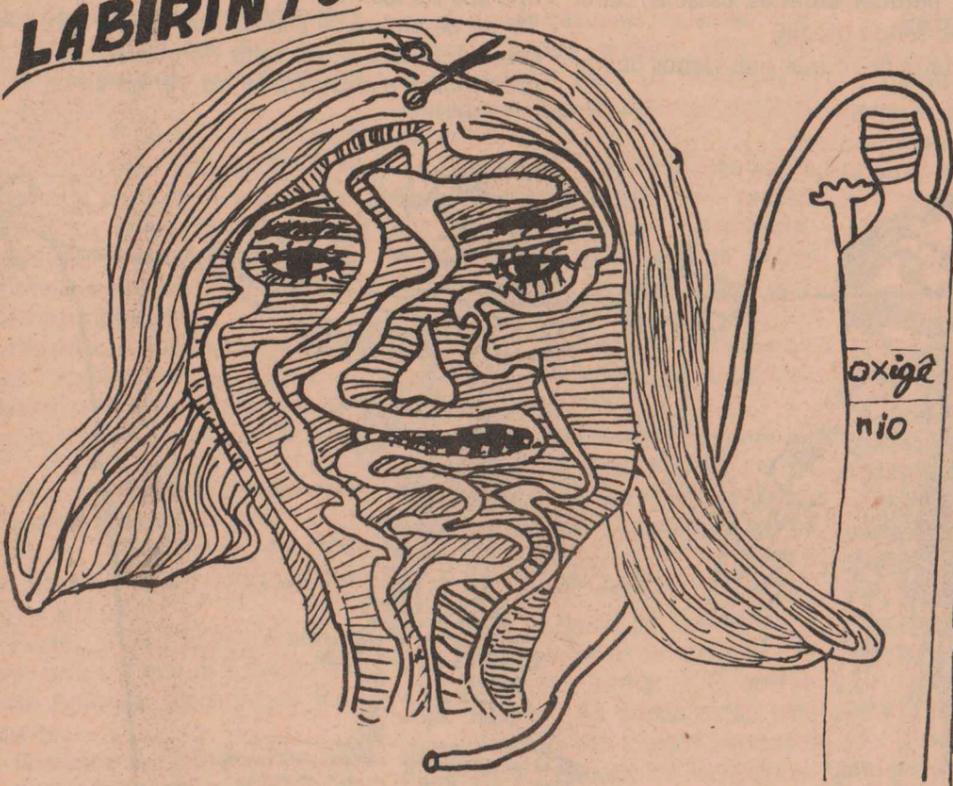


Como você pode impedir que um galão acorde de madrugada no domingo?



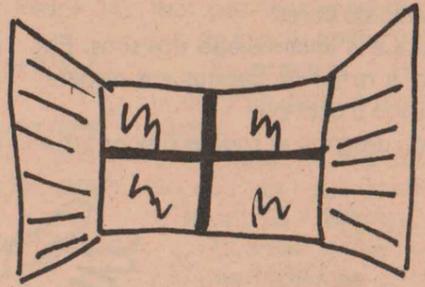
Resp: cozinhe-o no sábado.

LABIRINTO



Esta operação é perigosa. Por isso concentre-se... Ajude a colocar o oxigênio no canal certo.

Colaboração de Fábio Valentini 11 anos



"Uma mulher enfeitando o cabelo da outra. A janela está aberta."

Desenho: Sandra Montardo - 6 anos